

Ministério
Adventista



Novembro-Dezembro de 1960



“Não Havia Lugar Para Jesus”

NA primeira página da vida de Cristo encontramos uma afirmação surpreendente que bem merece especial reflexão. Narrando o nascimento de Jesus, conta-nos o evangelista que Maria “envolveu-O em panos, e deitou-O numa manjedoura, porque não havia lugar para Ele na estalagem”. S. Lucas 2:7.

Esta é a primeira frase descrevendo a descaridosa atitude dos homens para com o Redentor. Os pintores cristãos, envergonhados com o berço rústico e miserável em que repousou o Filho de Deus, com o mágico pincel transformaram a rude estreberia de Belém em um pórtico airoso e belo, mas não conseguiram apagar a realidade trágica desta sentença: “Não havia lugar para Jesus”.

Perto de dois mil anos se passaram, e vemos agora um mundo cheio de sistemas religiosos, de cruzes e de cultos. Todavia, como na cidade de Davi, não há lugar para Jesus. Por isso a civilização contemporânea apresenta-se agonizante, sem Deus e sem esperanças.

Como pregadores nós nos entristecemos diante desta acabrunhadora situação. Entretanto, parecemos oportuno interrogar: Há em nossas atividades lugar para Jesus?

Billy Graham, o festejado evangelista, descreve a seguinte experiência ocorrida em seu ministério: “Há poucos anos atrás eu estava em Dallas, Texas, e tive o privilégio de pregar a uma multidão de mais de 30.000 pessoas. Preguei e dirigi um apêlo sem nenhum resultado. Deixei a plataforma um pouco perplexo, interrogando-me sobre as razões do insucesso. Um fiel irmão pôs o seu braço sobre os meus ombros e disse: ‘Billy, poderia eu dizer-lhe alguma palavra?’ Dei-lhe o assentimento e ele continuou: ‘Amigo, você não pregou a Cruz esta noite. Sua mensagem foi boa, mas nela não houve um lugar para Jesus’.

“Fui para o meu quarto e, em lágrimas, disse: ‘Ó Deus, ajuda-me a jamais pregar um sermão sem apresentar a Cristo’.” — Christianity Today, agosto de 1959.

Com efeito, na cruz de Cristo está o segredo do poder na obra do Evangelismo. Cristo deve ser a absorvente paixão do pregador. NEle o apóstolo das nações condensou todo o seu programa de evangelismo, quando em sua pastoral aos fiéis de Corinto, afirmou: “... irmãos, quando fui ter con-

vosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado.” I Cor. 2:2.

Huberto Rhoden, em síntese lapidar destaca esta verdade, dizendo:

“Paulo é um livro que só fala de Cristo.

É uma chama que só arde por Cristo.

É um gênio que só pensa em Cristo.

É uma vontade que só quer a Cristo.

É um herói que só luta por Cristo.

É uma alma que só vive de Cristo, por Cristo e para Cristo.”

Em suas vibrantes mensagens e eruditos ensinamentos havia sempre um lugar inconfundível para Cristo, um proeminente e destacado lugar. Daí o segredo do seu êxito como evangelista.

Alguns pregadores modernistas apresentam às suas congregações um Cristo poético, sociólogo eminente, moralista, filósofo que consagrou a sua vida a defender os oprimidos. Um Cristo descrucificado, já se vê. Um Cristo sem a coroa de espinhos e sem o manto das humilhações. Um Cristo desfigurado e mutilado para não repugnar a mentalidade racionalista deste século.

Oportunas são para nós as palavras da mensagem de Deus: “Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, de tal forma, que apresente estas verdades ao povo com amor e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado.

“Exaltai a Jesus, vós que ensinais o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças convirjam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ almas confusas, transviadas, perdidas. Exaltai-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Ide Aquele que ‘vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós’. Seja a ciência da salvação o tema central de todo o sermão, de todo o hino.

“Seja manifestado em toda súplica. Não acrescenteis às vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, à sabedoria e poder de Deus. Mantende perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus, a esperança do arrependimento e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador.” — Evangelismo, pág. 185.

Um douto pregador que, com freqüência, em seus sermões, expunha princípios de Sociologia e preceitos de Ética, encontrou, certa vez, sobre o púlpito, uma folha de papel, com as seguintes palavras, escritas por um piedoso diácono: “Senhor, queríamos ver a Jesus”. Nesta sentença ele reconheceu uma silenciosa censura aos seus eruditos sermões, nos quais não havia lugar para Cristo. Sob o impacto daquelas palavras, contrito, caiu de joelhos, suplicando de Deus a sabedoria necessária para alimentar convenientemente o rebanho. O Senhor ouviu a prece do arrependido ministro e o abençoou grandemente. Ele retornou ao púlpito revestido de um novo poder, tendo como preocupação dominante a proclamação das riquezas insondáveis de Cristo. Suas mensagens se tornaram tão poderosas que o fiel diácono, interpretando o sentimento de toda a congregação, deliberou pôr sobre



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Luiz Waldvogel

Redator — Arnaldo B. Cristianini

Colaborador especial:

J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 25 No. 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

"Não Havia Lugar Para Jesus"
..... Enoch de Oliveira 2

ILUSTRAÇÕES

Que é um Lar 3
Lar 3

ARTIGOS GERAIS

Ciência e Religião — II —
..... Dr. Gideon de Oliveira 4
O Homem Fóssil e o Monismo 8
..... Orlando Ritter
O Enigma dos Discos Voadores
..... Miguel A. Alvarez 10

OBRA PASTORAL

Diligência Taylor G. Bunch 12
O Ministro e o Lar Archa O. Dart 13
Urgente Necessidade de Conselheiros
..... Salvador Iserte 15

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

O Material de Ilustração
..... J. W. Osborn 16

EVANGELISMO DA SAÚDE

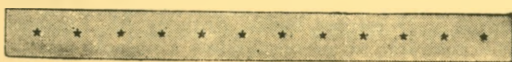
A Fé e a Arte de Curar
..... Lucile Joy Small 17

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOU-
TRINA — VI 19

INSTRUTOR BÍBLICO

Porque Tem de Fracassar o Movimento Sionis-
ta Christian Edwardson 21
"Abominação da Desolação"
..... A. B. Cristianini 23

NOTÍCIAS DA IMPRENSA 24



Ilustrações

Que é um Lar?

HÁ alguns anos uma revista londrina enviou aos leitores mil exemplares da pergunta: "Que é um lar?" Das oitocentas respostas recebidas, selecionaram-se as sete seguintes:

1. Lar — Um mundo de luta excluído, um mundo de amor incluído.
2. Lar — Lugar onde o pequeno é grande, e o grande é pequeno.
3. Lar — O reino do pai, mundo da mãe e o paraíso dos filhos.
4. Lar — Lugar onde mais murmuramos e melhor somos tratados.
5. Lar — Centro de nossas afeições em redor da qual os melhores desejos de nosso coração se emanham.
6. Lar — Lugar em que nosso estômago recebe diariamente três substanciosas refeições e nosso coração mil.
7. Lar — Único lugar na Terra onde as falhas e deficiências da humanidade se escondem sob o doce manto da caridade.

— Seleta

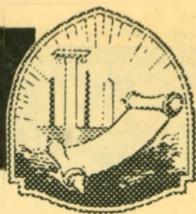
Lar

UM teto para resguardar da chuva; quatro paredes para resguardar do vento; soalho para resguardar do frio; contudo o lar é muito mais do que isso. É o riso da criança, o cântico da mãe, a força do pai. Calor de corações que se amam, luz que vem de olhares felizes, bondade, lealdade, companheirismo. O lar é a primeira escola e a primeira igreja para os pequenos; onde aprendem o que é reto, bom e amável; onde buscam conforto quando se acham feridos e doentes; onde a alegria é partilhada e a tristeza, abrandada; onde os pais são respeitados e amados; onde as crianças fazem falta; onde o mais simples alimento serve para os reis, porque é ganho pelo trabalho; onde o dinheiro não é tão importante como a benignidade; onde a própria chaleira canta de felicidade. Isto é o lar. Que Deus o abençoe! — Ernestina Schumann-Heink.

o púlpito um outro pedaço de papel com a seguinte frase: "Os discípulos se alegraram vendo o Senhor". S. João 20:20.

Haja, pois, em nosso labor um lugar conspícuo para Jesus, e as almas sob a influência de nosso ministério não de se alegrar diante da beleza harmoniosa de Cristo e de Seus luminosos ensinamentos.

— Enoch de Oliveira



Ciência e Religião—II

DR. GIDEON DE OLIVEIRA

Professor da Faculdade de Teologia do Colégio Adventista Brasileiro. (Biologia e História Natural)

O Culto do Cientismo: Difusão, Modalidades e Conseqüências



POR volta do ano 1850, o culto do cientismo começou a difundir-se pelo mundo ocidental apregoando uma nova religião sem Deus, que partejou o materialismo moderno. Da adoração da ciência, que predominou no século XIX, a moderna religião

materialista derivou para a *antropolatria*. Paradoxalmente, o homem passou a divinizar-se quando se viu animalizado. Diante da potência humana, deslumbrados, os materialistas não mais se queixam das fragilidades humanas. Procuram mesmo exaltar as conquistas, descobertas e teorias científicas diversas, certas ou não, e ver nelas, como numa atitude infantil, um pretexto para a negação de Deus, chegando a dizer que Ele foi expulso do universo por Newton, da vida por Darwin, e da própria alma por Freud. E isto, apesar de Newton, o descobridor das leis da gravitação, ter sido um crente devoto e sincero, admirador por excelência do Todo-poderoso e de Suas maravilhosas obras. Sempre precipitado em suas afirmações negativas, o materialismo chegou ao ponto de negar, entre outras coisas, a criação especial da vida e dos seres vivos; e animado pelas numerosas sínteses de produtos químicos orgânicos conseguidos no laboratório, acha que a ciência moderna alcançou um progresso tal que seres vivos poderão ser produzidos, também, no laboratório. Oparine e A. N. Terenine, de Moscou, Harold Urey e Stanley L. Miller, de Chicago, J. B. S. Haldane e J. D. Bernal, de Londres, Alexandre Deauvilliere Eugene Aubel, de Paris, e cerca de cem cientistas mais, trabalham na atualidade objetivando produzir artificialmente substâncias ou seres vivos.

O materialismo não ficou, porém, com a sua influência restrita à pura especulação científica. Foi muito mais além causando verdadeiras repercussões sociais e políticas, revolucionárias mesmo, alterando o curso da história, como poderemos ver sumariamente no desenvolvimento deste tema, através das várias modalidades de cultos gerados pelo cientismo e materialismo: o culto da raça, o culto do

super-homem, o culto do corpo em vez do culto do espírito, o culto do Estado, e o culto geral das teorias científicas, do progresso e do futuro.

O culto da superioridade racial foi pregado pelo francês Joseph Arthur De Gobineau (1816-82), no qual exaltava a raça ariana representada pelos saxônicos (alemães e nórdicos da Europa) como representantes da raça mais pura existente sobre a Terra, sendo-lhes inferiores os latinos e todas as demais raças (31). Por conseguinte, aos alemães arianos caberia o domínio do mundo, em razão de sua supremacia racial, o que agradou profundamente ao militarismo alemão, apesar do *gobinismo* ou *arianismo* não passar de um mito, ou uma construção hipotética, ditada por um orgulho desmedido, sem nenhum apoio científico.

Frederico Nietzsche e Max Sterner, criaram o culto do super-homem, no lugar do amor ao próximo, por considerarem a compaixão como uma fraqueza de caráter ou como um erro do cristianismo. Seriam características do super-homem nietzscheano elevar-se com desdém acima da "horda dos escravos" (da humanidade em geral), para além do bem e do mal; amigo da aventura e da guerra, duro para consigo próprio e terrível para os outros; superior aos valores da verdade e da justiça; nascido para "modelar o bloco do acaso" e dominar a história (32).

Em 1833, Francis Galton, demonstrou a importância da eugenia para assegurar a reprodução de homens e mulheres sadios, a fim de que seus filhos nascessem bem dotados física e mentalmente, o que é certo e recomendável. No auge do entusiasmo, porém, alguns eugenistas pretenderam que a sua doutrina pudesse resolver os problemas sociais como uma nova religião—o culto do corpo. O próprio Galton disse: "A eugenia estender-se-á pelo mundo como uma nova religião" (33). Albert Eward, dos Estados Unidos, acentuou: "Se Jesus estivesse entre nós, teria sido o Presidente do Primeiro Congresso da Eugenia" (34). No seu modo de pensar, a racionalização sexual, inclusive o *direct birth-control*, seria o "agente decisivo para determinar o caráter e o destino do homem sobre a Terra e para conformar o futuro de sua civilização" (34); e, por último, ele procura ver na eugenia "o programa final para cristianização completa da humanidade". O escritor inglês, Anthony M. Ludovici, pelo contrário, vê no cristianismo a negação comple-

ta da eugenia, e prega a necessidade "de uma nova religião, baseada sobre a percepção intelectual aguda do poder que existe por detrás dos fenômenos, bem como sobre a relação emotiva profunda para com esse poder" (35); e acrescenta que "para a realização de uma tal tarefa é necessário uma nova espécie de homens, e tudo o que podemos fazer por ora é preparar o caminho para isso" (35). Consoante este modo de pensar, a nova religião (eugenia) para salvar o homem e regenerar a humanidade seria fundada exclusivamente sobre o "culto do corpo", e não do espírito.

Quanto ao culto do capitalismo do Estado, foi o produto mais avançado da dialética materialista de Karl Marx e Engel, que, com Lenine e outros, deu origem ao sistema político conhecido por comunismo, o qual tendo por princípio o ateísmo, define a religião como o ópio do povo, e renega, portanto, os valores espirituais do cristianismo. Opondo-se aos ideais da fé cristã que constituem os fundamentos da sociedade verdadeiramente democrática, não obstante, o comunismo e suas tendências, como filosofia materialista e atéia tem para os seus adeptos toda força emocional de uma fé fanaticamente religiosa. O marxismo é, pois, muito mais do que um sistema econômico. É uma religião materialista, e paradoxal por isso mesmo, como bem percebeu Arnold Toynbee, caracterizando-a: "O comunismo metamorfoseou-se num substituto emocional e intelectual do cristianismo ortodoxo, com Marx por seu Moisés, Lenine por seu Messias, e suas obras completas pela Escritura de uma igreja ateísta". Assim, o comunismo tem como um de seus mais importantes objetivos substituir os ideais ético-sociais implícitos na idéia de Deus, essenciais para a sociedade humana, a fim de guiá-la exclusivamente pelo materialismo ateísta de Karl Marx, o que é deveras temerário para o futuro da humanidade.

Há também em nossos dias uma forte tendência para o culto do progresso e do futuro, pela aceitação de dogmas da religião industrial (35). Acreditam muitos que as máquinas, ou as supermáquinas (37), como quer Walter Pitkin, aliada aos progressos da medicina, possam proporcionar à humanidade uma felicidade jamais alcançada, assim que o aumento enorme do rendimento agrícola satisfizer as necessidades alimentares de todos os seres humanos, e os confortos da civilização puderem ser generalizados, com redução progressiva das horas de trabalho, e tempo sempre maior para o lazer, para as recreações, divertimentos e o descanso. E muitos são os materialistas que só reconhecem um único deus — o dinheiro — perante o qual vendem o caráter, a honra, e a própria alma, para alimentar um sonho ilusório de felicidade paganzada.

Estas várias modalidades de cultos materialistas, que tiveram por berço o cientismo, trouxeram conseqüências históricas contraproducentes, algumas das quais assumiram proporções catastróficas, por degenerarem em guerras tremendas, extermínio em massa, e atentados clamorosos contra a liberdade e os direitos da pessoa humana, e embrutecimento espiritual.

O *arianismo* que serviu de principal alimento para o militarismo alemão, foi um dos fermentos mais ativos para a eclosão da Primeira e Segunda Conflagrações Internacionais, com cerca de 14 milhões e 82 milhões de baixas, respectivamente, incluindo mortos e desaparecidos. O mito do super-homem

de Nietzsche, encarnado por Hitler, e assim aceito pelos seus colaboradores, foi o gerador da crueldade espantosa do extermínio de seis milhões de judeus, esterelização de milhares de homens e mulheres convertidos em trabalhadores-escravos, e liquidação sumária de muitos eslavos, tudo a pretexto de outro mito associado de que eram raças inferiores. O próprio Hitler procurou justificar a Rauschning o barbarismo de sua doutrina política, declarando-lhe ser condição necessária para o domínio do mundo, e o estabelecimento do império mundial nazista que deveria durar no mínimo mil anos; e, acrescentou: "Ser bárbaro é para nós um título de orgulho... Devemos ser bárbaros e com a consciência tranqüila". Muitos ditadores, e diversos Estados totalitários, têm atuado sob esta mesma orientação amorala.

O culto exclusivo do corpo, numa distorsão do verdadeiro eugenismo e dos ideais cristãos, relativos à pessoa humana, tem determinado o embrutecimento das faculdades mais nobres do espírito. Sob este aspecto, o ser humano, e mormente a mocidade, torna-se rude e animalizada, valorizando mais a força muscular e a beleza física, do que o trabalho mental e a formosura do caráter. São mais atraídos para o atletismo, para as práticas esportivas, e concursos de beleza, do que para o estudo sério e desenvolvimento das faculdades da alma. Mais preocupados em satisfazer as paixões do corpo, do que em atender aos prazeres do espírito. Este desvio é tão condenável quanto o foi a mentalidade medieval que muita vez confundiu falta de higiene como sinal de santidade. Mas, o culto do corpo chegou a ir mais além, assumindo mesmo forma drástica quando a serviço de Estados títeres e materialistas, para os quais os indivíduos só são úteis enquanto produtivos, donde a eliminação de velhos e doentes incuráveis pela eutanásia oficial, pela administração do famoso "chá da meia-noite", autêntico veneno que matava suas vítimas, sob o pretexto de que eram inúteis à sociedade, e causavam prejuízos econômicos ao Estado.

Sob a inspiração da doutrina comunista, como em outras (nazismo, fascismo, falangismo, etc.), o culto do Estado levou também seus adeptos a atitudes extremas, causando verdadeiras hecatombes humanas, na luta para a conquista e consolidação do poder. Como comprovante da incrível violência perpetrada pela imposição do regime da Rússia, entre muitos outros documentos, temos o relatório impressionante do órgão oficial "Pravda" (abril de 1922), atestando que "para a defesa do Estado comunista foram executados 815.000 camponeses, 192.000 operários, 355.250 intelectuais, 200.000 soldados, 54.650 oficiais, 48.500 policiais, 10.500 altos funcionários, 8.800 médicos, 12.960 grandes proprietários... ao todo cerca de dois milhões de pessoas!" (38) E outros milhões pereceram nos expurgos e represálias sangrentas nos anos sucessivos. Para mais, a liberdade religiosa e os mais sagrados direitos humanos têm sido violentados, e ameaçados sob os regimes totalitaristas; e a própria liberdade religiosa e de pensamento vive atualmente horas cruciantes na China comunista. A dignidade da pessoa humana apregoadada pelo cristianismo é esmagada quando o culto do Estado tripudia sobre a mesma.

A própria religião industrial e do progresso, tão decantada por muitos como a última esperança para a conquista da felicidade, foi uma decepção para

a nossa própria civilização, conforme observou com profunda penetração o eminente cientista Alexis Carrel: "O fraco valor intelectual e moral dos homens de hoje deve atribuir-se, em grande parte, à insuficiência e à má composição da atmosfera psicológica. A primazia da matéria e o utilitarismo, que são os dogmas da religião industrial, levaram à supressão da cultura intelectual, da beleza e da moral, tais como as compreendiam as nações cristãs, mães da ciência moderna. Ao mesmo tempo, as modificações do gênero de existência provocaram a dissolução dos grupos familiares e sociais que possuíam a sua individualidade e as suas tradições próprias" (39); e pondera que: "O enorme avanço tomado pelas ciências da matéria inanimada sobre a dos seres vivos é portanto um dos acontecimentos mais trágicos da humanidade. O meio construído pela nossa inteligência e pelas nossas invenções não se ajusta nem à nossa estatura nem à nossa forma. Nêle, sentimo-nos infelizes. Degeneramos moral e mentalmente. São precisamente os grupos e as nações em que a civilização industrial atingiu o seu apogeu que mais enfraquecem. E nêles que o retorno à barbarie se dá com mais rapidez". (39)

Impressionante, também, é o saldo negativo dos que fazem do dinheiro a sua religião, pois são os que mais fornecem manchetes sensacionais e escandalosas para jornais e revistas que exploram o submundo do crime — milionários-suicidas, assassínios, roubos, fraudes, adultérios, e outros muitos delitos que põem em sobressalto a polícia de todo o mundo, e tornam desgraçadamente infelizes as vítimas iludidas pelo culto do dinheiro.

Em suma, à luz dos fatos históricos todos êstes cultos são falhos, porque giram em tórno de um deus de barro — o homem adorador de si mesmo, ou seja a *antropolatria*, o último fruto da árvore do *cientismo*. Caiu, pois, por terra, a pretensão da ciência positiva de poder suportar sôzinha todo o fardo da vida humana, precisamente porque o *cientismo* é a ignorância daquilo que finalmente não conta. Negativo, portanto, veio a ser o saldo moral, espiritual e social, decorrentes da difusão, aceitação, e aplicação doutrinária do *mecanismo* que reduz o homem a uma máquina sem alma; do *cientismo* que pretendeu a suficiência da ciência para tudo explicar e resolver; do *evolucionismo* que sancionou uma lei selvagem: o direito do mais forte subjugar os mais fracos; do *materialismo moderno* que degenerou para o endeusamento do próprio homem, numa moderna versão do *ateísmo* e *existencialismo negativo*, para o qual a vida não passa de um mero e absurdo acidente do acaso, saída do nada e ao nada indo dar, sem sentido, pois, ficando o homem num mundo absurdo apenas como uma "súplica sem resposta" (40). Eis em que deu o orgulho humano, a *antropolatria*: converteu-se a adoração do próprio homem na religião do desespero ou na filosofia da loucura.

Mais do que outra época qualquer, o século vinte tem sido testemunha da falsidade dos deuses e religiões materialistas criadas pela fantasia dos cérebros apartados de Deus. Jamais se falou tanto em paz e segurança, entretanto nunca se viu conflagrações internacionais tão pavorosas, e estocagem de armas tão destruidoras como as armas atômicas e bombas termonucleares, para um eventual confli-

to de conseqüências imprevisíveis. Nunca se viu tamanho progresso material a par de tão clamorosa inversão dos valores morais, indo na crista a criminalidade e a imoralidade sempre crescentes. Nunca tanta riqueza acumulada e tão malbaratada enquanto milhões não têm pão para matar a fome e nem agasalho para proteger-se. Torna-se patente, pois, o fracasso do materialismo para solver por si mesmo os problemas mais sérios da humanidade, e os mais elevados anseios da alma humana. Apesar disso o *ateísmo* continua a progredir e a espargir as suas conseqüências nefastas, donde Lecomte de Noüy denuncia: "*nós lutamos contra um dos maiores perigos que jamais ameaçaram a sociedade humana, o ateísmo*" (41). Sim, porque ateísmo é sinônimo de civilização do medo, da extinção da liberdade, do egoísmo, e da destruição; é a falência dos valores morais e espirituais.

Impressionados com o rumo errado que os cientistas materialistas imprimiram à ciência ao substituí-la em lugar da religião, substituição que deu em resultado os problemas sérios da atualidade, são os mais valorosos cientistas e filósofos que hoje clamam para o retorno urgente à religião — Deus — a última esperança. Com respeito, Karl Jaspers, filósofo e psiquiatra alemão, atualmente professor da Universidade da Basileia, em sua tese amadurecida "*A Bomba Atômica e o Futuro do Homem*" (1957) (42), traça o grave dilema do homem na hora que passa: *Deus ou a Bomba Atômica*, e acentua que se "*o homem quiser continuar a viver, terá que transformar-se*"; e isto pelo retorno a Deus, e pela reabilitação dos valores espirituais, os únicos que dão à vida o seu sentido de construção e dignidade.

Reconhecendo, também, que a ciência sem Deus é uma experiência temerária, e que a ciência contra a religião é um grave contra-senso, à luz dos próprios conhecimentos adquiridos pela ciência verdadeira, Lecomte de Noüy, não pode deixar de reconhecer a inteligibilidade que se revela no plano da Natureza, em cada descoberta, atestado inofismável portanto de uma Inteligência Superior e Criadora. Lança pois o desafio: "*A Ciência tem sido utilizada para solapar as bases da Religião. É a Ciência agora que deve ser empregada para consolidá-la*" (41). Esclarece, ainda, o mesmo autor, que se fizermos um exame crítico do capital científico acumulado pelo homem, e procurarmos tirar as conseqüências lógicas e racionais: "*Nós veremos que elas nos conduzem necessariamente à idéia de Deus*" (41). Deveras, a verdadeira Ciência aponta para Deus, e reconhece os valores da Religião que possibilita ao homem estabelecer contato com o seu Criador, dando à vida um sentido transcendental e uma razão lógica no plano da Natureza.

A Ciência Verdadeira Afirma Deus e Reconhece o Valor da Religião

A ciência e a religião possuem características e objetivos próprios. Na interpretação do notável físico Einstein: "*O descobrimento dos fatos reais é tarefa da ciência, ao passo que a criação de valores é a missão da religião e da ética*" (43). A investigação e o conhecimento dos fatos, o estudo objetivo de cada fenômeno natural, o estabelecimento de teorias e idéias nas quais a razão é o principal juiz, são do domínio da ciência. Ela se propõe a resolver problemas relativos à matéria, à energia ou fôr-

ça, no tempo e no espaço, e às manifestações dos fenômenos naturais e vitais, de um modo geral. Limita-se, pois, à Natureza, o domínio da ciência; e apropriar-se das forças da Natureza é o seu objeto, mediante o auxílio das matemáticas e da experiência que são os seus instrumentos auxiliares.

A religião, por sua vez, fundamenta-se na fé, procede do coração, do sentimento, da Natureza, como de uma origem primeira e independente. Ela tem por objeto a satisfação das necessidades do coração, a libertação, o governo, e o enobrecimento de nossa vida espiritual e moral, o que equivale a dar um sentido de dignidade ao direito de existir. Se a razão da ciência é o entendimento da Natureza, pela indução e dedução, é pela fé religiosa, por intuição fundamental, que o homem crê no Deus-Criador da Natureza, e com Ele mantém comunhão pessoal, elevando-se assim no plano da existência. Por isso, "a fé religiosa", segundo Emile Boutroux, "é um princípio de afirmação, tão seguro como o conhecimento propriamente dito" (44). E o eminente físico e químico inglês, Faraday (1791-1861), confirmou o postulado em questão à luz de sua própria experiência pessoal: "A noção de Deus e o respeito para com Ele chegam ao meu espírito por vias tão seguras como aquelas que nos conduzem às verdades de ordem física".

O cientista vê e estuda a Natureza, ou seja a criação de Deus; o crente, porém, percebe e sente no íntimo da alma o próprio Deus da Natureza — o seu Criador —. O cientista procura descobrir a verdade através da razão; o crente descobre a verdade suprema pela fé. A ciência faz cientistas através do aumento do conhecimento, enriquecendo-lhes a experiência exterior; a verdadeira religião faz santos, através do enriquecimento da própria experiência interior (a transformação para melhor; isto é, o aperfeiçoamento moral e espiritual da personalidade). Assim como a verdadeira ciência se orienta para a Verdade-Razão que promana da Suprema Inteligência, a religião verdadeira orienta a fé para a Verdade do Supremo Amor, personificado também em Deus. E, o sábio reconhece, sinceramente, que a Suprema Inteligência e o Supremo Amor são expressões cuja síntese se encontra em Deus, que é a Verdade Absoluta ou a Suprema Realidade. Isto nos leva à conclusão natural de que a ciência e a religião verdadeiras procedem da mesma fonte: Deus; e quanto melhor e mais claramente compreendidas maior se torna a nossa convicção, admiração e reverência para com Deus. Esta idéia tão relevante é explanada magistralmente por Ellen G. White: "Todo conhecimento e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus... Qualquer que seja o ramo de investigações a que procedamos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contato com a Inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo. A mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o Infinito" (45). Prossequindo, declara: "Em todas as coisas criadas vêm-se os sinais da Divindade. A Natureza testifica de Deus. A mente sensível, levada em contato com o milagre e mistério do universo, não poderá deixar de reconhecer a operação do poder infinito. Não é pela sua própria energia inerente que a terra produz suas dádivas, e ano após ano continua seu movimento ao redor do Sol. Uma mão invisível guia os planetas em seu giro pelos céus. Uma vida mis-

teriosa invade toda a Natureza — vida que sustenta os inumeráveis mundos através da imensidade toda... As mesmas grandes leis que presidem à ação do coração, regulando o fluxo da corrente da vida no corpo, são as leis da Inteligência Todo-poderosa, as quais presidem às funções da alma. D'Ele procede toda a vida. Únicamente em harmonia com Ele poderá ser achada a verdadeira esfera daquelas funções" (45).

O filósofo inglês, Lord Bacon (1561-1626), já dissera com muita razão que: "Uma ciência superficial inclina o homem para o ateísmo, mas uma ciência profunda conduz as mentes humanas para a religião". Agassiz (1807-73), famoso naturalista suíço, crente convicto, ponderou que "a missão do cientista era como a do profeta, de proclamar a glória de Deus" (46). A esse respeito, Fichte (1762-1814), prestigiado filósofo alemão, emitiu um maravilhoso pensamento: "O sábio probo considera seu destino que consiste em ser participante da idéia de Deus sobre o mundo, como o pensamento de Deus dentro dele; por este pensamento dignifica a vida e sua pessoa, e esta dignificação revela-se em todos os seus atos" (47).

Deveras, um cientista coerente não pode deixar de dar o seu testemunho pessoal sobre o Criador do universo, cuja inteligibilidade surpreendida e descoberta nas mais diversas leis é evidência irrefutável da Inteligência Suprema. "No estudo das ciências", diz E. G. White, "também, devemos obter conhecimento do Criador. Toda a verdadeira Ciência não é senão uma interpretação da escrita de Deus no mundo material. A Ciência traz de suas pesquisas novas provas da sabedoria e poder de Deus. Corretamente entendidos, tanto o livro da Natureza como a Palavra escrita nos familiarizam com Deus, ensinando-nos algo das sábias e benéficas leis mediante as quais Ele opera" (48). Contrariando, pois, as arriscadas afirmações do passado e do materialismo moderno, quanto mais avança a ciência verdadeira, tanto mais descobre Deus, como se Ele estivesse vigiando à espera, por trás de cada porta que a ciência abre.

31. GOBINEAU, J. Arthur De — *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*; 1854-84.
32. ETCHEVERRY, Auguste — *Le Conflit Actuel des Humanismes*, in preface.
33. ATHAYDE, Tristão de & NOGUEIRA, Hamilton — *Ensaio de Biologia*, pág. 25; Rio de Janeiro, 1933.
34. WIGGAM, Albert Edward — *The Next Age of Man*, págs. 98 e 348; 1927.
35. LUDOVICI, Anthony M. — *Man: an Indictment*, pág. 338; 1926.
- 35a. TOYBEE, Arnold — *A Study of History*, Oxford University; N. York & London, 1947.
36. CARREL, Alexis — *O Homem, Esse Desconhecido*, pág. 44; Porto, 1937.
37. PITKIN, Walter B. — *A short Introduction To History of Human Stupidity*, infine.
38. WEBER, Adolph — *Weltwirtschaft*, pág. 253.
39. CARREL, Alexis — *Op. cit.* págs. 180 e 44.
40. BATAILLE, G. — *Le Expérience Interieure*, pág. 30; Paris Gallimard, 1943.
41. LECOMTE DU NOÛY — *L'Homme et sa Destinée*, pág. 13; La Colombe, Paris, 1948.
42. JASPERS, Karl — *Die Atombombe und die Zukunft des Menschen*; R. Piper & Co. Verlag, München.
43. EINSTEIN, Albert — *Aus Meinen Spaeten Jahren*.
44. BOUTROUX, E. Emile Marie — *Science et Religion dans la Philosophie Contemporaine*, in preface; 1908.
45. WHITE, Ellen G. — *Educação*, págs. 14 e 99.
46. FRANKL, Josef — *O Mistério da Criação*, pág. 111.
47. FICHTE, J. T. — *El Destino del Sabio*, pág. 125; Ed. Tor. Buenos Aires.
48. WHITE, Ellen G. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 666.

O Homem Fóssil e o Monísmo - II

ORLANDO R. RITTER

Professor de Matemática e Ciências do Colégio Adventista Brasileiro



O HOMEM "neanderthalensis"

— Também conhecido como "homem das cavernas", foi reconstituído inicialmente sobre calota craniana e restos de esqueletos encontrados numa caverna no vale de Neanderthal na Alemanha em 1853.

Posteriormente seus remanescentes foram encontrados por toda a Europa e partes da Ásia Menor e correspondem praticamente a uns 100 indivíduos diferentes.

O típico neandertalóide poderia ser descrito assim: baixo, forte, atarracado, pernas arqueadas, cabeça grande e de boa capacidade mas deprimido de tal maneira que a abóboda craniana é baixa, fronte fugidia, arcadas superciliares proeminentes como nos macacos, órbitas enormes e arredondadas, face longa um tanto semelhante a um focinho, ossos nasais muito desenvolvidos e dentadura volumosa e "primitiva", especialmente no que diz respeito aos molares.

Uma das melhores descrições da raça de Neanderthal foi feita pelo grande paleontologista francês Marcellin sobre o célebre esqueleto neandertalense de 1,52 m de altura e 1.620 cc de capacidade craniana, encontrado na gruta de Chapelle-aux-Saints na França. Apesar de ser diferente das raças atuais praticamente em todo esqueleto, a sua capacidade craniana é igual, senão maior que a média do homem moderno, que se admite ser 1.400 cc para a mulher e 1.500 ou 1.600 cc para o homem!

É digno de nota que entre os remanescentes dos 100 neandertalenses encontrados, alguns apresentam características acentuadamente "simiescas" ou "primitivas" (arcadas superciliares proeminentes, crânio achatado semelhante ao crânio de nativos da Austrália, etc.) como é o caso das descobertas de 1886 em Spy na Bélgica (dois esqueletos), em Gibraltar (um típico neandertalense), na gruta de Chapelle-aux-Saints em 1908 (um esqueleto completo), Moustier em 1909 (Homo moustierense), na gruta de La Serrassie entre 1910 e 1912 (dois esqueletos de adultos e três de crianças) em La Quina em 1911 onde foi encontrado um esqueleto completo e restos de uns 20 esqueletos.

Outros remanescentes apresentam características mais "modernas", tais como o de possuir o crânio mais expandido para cima e não para os lados. É o caso dos restos fósseis encontrados em Ehringsdorf (Alemanha), Saccapastore perto de Roma (1929), numa gruta da Galiléia (1934) e o "tipo de Tabum" encontrado no monte Carmelo, Palestina.

Em Steinheim, Alemanha, foi encontrado um crâ-

nio em que o occipital era do tipo "moderno" e os outros ossos eram tipicamente neandertalenses. É fácil compreender a confusão que podem trazer simples fragmentos e não crânios ou esqueletos completos. Se fosse achado apenas o occipital do crânio de Einstein, a reconstituição daria um homem "moderno" e se fossem achadas as outras partes, a reconstituição daria um tipo neandertalóide!

E o que diremos da maioria das reconstituições que se baseiam apenas em fragmentos? Este é, por exemplo, o caso do crânio de Fontchévade (França) muito importante para a teoria da evolução humana e reconstituído sobre apenas dois fragmentos. Na mesma situação se encontra o crânio de Swanscombe (Inglaterra, 1935) que em importância e ordem morfológica deveria substituir o de Piltown, e foi reconstituído apenas sobre um occipital e um parietal esquerdo! Que diremos do crânio de Quinzano reconstituído apenas sobre um occipital?

No monte Carmelo foi encontrada uma tribo de homens fósseis (Homo palestinensis) e dentre eles alguns tinham características próximas do neandertalense (tipo Tabum) inclusive o crânio deprimido. Outros (tipo Skhul) tinham características mais "modernas" e o crânio bem elevado como no homem atual.

O estado de selvageria e barbárie da raça neandertalense é evidenciado em Krapina na Croácia, onde num abrigo sob uma rocha foram encontrados fragmentos de diversos esqueletos de jovens e velhos intencionalmente partidos e parcialmente queimados.

Estes e muitos fatos levam alguns a pensar no homem de Neanderthal, não tanto como criaturas pertencentes a uma raça "primitiva", mas antes como tribo errante de homens degenerados que num passado não muito remoto, habitavam as cavernas da Europa.

Características "primitivas", não são necessariamente argumentos a favor da origem simiesca do homem. É digno de nota o caso do conhecido lutador europeu Maurice Tillet (vulgo "o anjo"). Quando criança recebeu um coice na nuca e certamente por alterações hormonais e endócrinas, desenvolveu-se de maneira anormal, apresentando um tipo neandertalóide com arcadas superciliares um pouco acentuadas, testa fugidia e força tremenda. (Citado por A. Roldan.)

O "*Homo sapiens fossilis*" — Numerosos restos humanos fossilizados descobertos no mundo inteiro, são atribuídos ao "homem moderno". Melhor, são restos de criaturas semelhantes ao homem atual e em muitos lugares são encontrados remanescentes da sua indústria lítica e cerâmica, de trabalhos sobre osso e marfim e de pinturas e desenhos de animais sobre paredes. Na caverna de Cro-Magnon na Dordogne (França) foram encontrados cinco es-

queletos (dois homens jovens, um homem velho, uma mulher e uma criança) sobre os quais foi reconstituída a bela raça de Cro-Magnon, cujos traços ainda podem ser observados hoje nos habitantes da Dordogne, África do Norte e nos guanchos das ilhas Canárias.

Indivíduos que alcançavam 1,80 m ou mais de altura e de boa força muscular, crânio volumoso, dolicocefalo, abóboda craniana elevada, fronte larga e elevada, arcadas superciliares um pouquinho pronunciadas, nariz estreito e longo, e a face curta e larga.

Seus esqueletos foram achados praticamente por toda a Europa e muitas vezes nas mesmas cavernas habitadas pelos homens de Neanderthal.

Na "Grotte des Enfants" em Grimaldi, na Itália, (próximo à fronteira francesa) foram exumados dois esqueletos de características neandertálicas: "raça neandertálica de Grimaldi", formada de indivíduos de cabeça alongada, face larga, nariz largo, acentuada prognatismo alveolar e dentadura volumosa e "arcaica", porém normal. Muitos admitem haver uma relação entre a raça de Grimaldi e a raça neandertálica que hoje habita a África.

Perto de Chancelade, na Dordogne (França) foi descoberto um esqueleto humano adulto de apenas 1,50 m de altura, porém com capacidade craniana de 1.700 cc. Sobre ele foi reconstituída a raça de Chancelade tão bem descrita pelo anatomista francês Testut e bastante relacionada com a raça circumpolar de esquimós atuais.

Conclusões: Considerando as últimas contribuições da paleontologia e resumindo os fatos atrás expostos, seria conveniente realçar as seguintes conclusões:

Antiguidade do homem moderno (*Homo sapiens*) — A ordem morfológica dos homens fósseis não coincide com a ordem cronológica dos mesmos, quando obtida da classificação dos terrenos de onde eles são exumados. Restos atribuídos a "homens modernos" são encontrados em terrenos classificados como antigos, e remanescentes de "homens primitivos" são encontrados em terrenos classificados como recentes.

Diante de fatos como estes, os paleontólogos são levados a admitir que o "homem moderno" foi contemporâneo ou mesmo anterior a muitas raças de homens fósseis considerados como "primitivos". Realmente, soa bem ao criacionista não poder imaginar a aurora da humanidade relacionada com um passado primitivo e bárbaro, pois dizem os Escritos Sagrados ser a humanidade tão antiga como o mundo orgânico.

Os pitecantropos, sinantropos e neandertalenses com suas características mais ou menos simiescas, não evidenciam tanto um estado "primitivo", mas antes, conforme vimos, um estado degenerado.

Não é para estranhar, pois ainda hoje, como contemporâneos do "homo sapiens" que fabrica miniaturas do Sol e lança foguetes à Lua, temos atrasadíssimos selvagens na África e Oceania, alguns deles quase dentro das reconstituições dos pitecantropos e sinantropos.

Distribuição geográfica do homem fóssil — Considerando a localização geográfica dos remanescentes do homem fóssil, os paleontólogos monogeneticistas foram levados a apontar o centro da Ásia, talvez o Turquestão, como berço e centro de dispersão da

humanidade. Deste hipotético centro os seres humanos teriam se espalhado pela Ásia, África e Europa, estando nos extremos sempre as formas mais "primitivas", impelidas pela competição das formas mais "modernas".

Para os criacionistas e catastrofistas o centro de dispersão da humanidade também deve ter sido a Ásia e quem sabe alguma região da Ásia Menor (Armênia, Mesopotâmia) onde deve ter repousado a arca após o dilúvio.

Desta região, especialmente após a confusão de Babel, a humanidade deve ter se espalhado pela face da Terra cumprindo a ordem divina. É possível que grupos de seres humanos se tenham desgarrado e perdido todo o contato com a civilização, por se constituírem verdadeiras pontas de lança da humanidade num mundo inóspito. Degenerando a níveis inferiores em algumas gerações e posteriormente impelidos pelos seres humanos normais que vinham povoando a Terra, acabaram por se extinguir nos pontos extremos atingidos e deixando aí seus remanescentes fósseis hoje chamados de pitecantropos, sinantropos, neandertalenses, etc.

É provável que se deva a estas antigas tribos errantes de raças degeneradas, alguns dos caracteres arcaicos observados em selvagens dos mares do Sul e da África e mesmo em algumas raças européias.

No continente americano apenas foram descobertos restos fósseis de "homens modernos". É o caso do "homem da Lagoa Santa", descoberto em Minas Gerais por Lund.

Talvez os primeiros grupos desgarrados de criaturas humanas que partiram do centro da Ásia, por razões geográficas, não tenham atingido a América e se porventura a atingiram, seus restos ainda não foram encontrados.

As peças paleontológicas relativas ao homem fóssil, não permitem cobrir a distância entre a capacidade craniana do homem e dos macacos superiores. — São conhecidos crânios de selvagens australianos atuais com capacidade em torno dos 900 cc; portanto, a capacidade craniana do homem atual varia de 99 a 2.000 cc com média de 1.400 ou 1.500 cc.

Nos pitecantropos que constituem o caso mais extremo, a capacidade craniana não caiu muito fora deste limite inferior e apenas no caso dos fósseis de Sangiran se calculou capacidade um pouco menor que 900 cc (800 cc e talvez crânio feminino).

Ainda há uma boa distância entre o limite superior da capacidade craniana dos macacos antropomorfos que não chega a 600 cc no gorila e o limite inferior da capacidade craniana do homem mais degenerado que é de 800 ou 900 cc.

E que diremos da enorme disparidade de comprimentos dos membros humanos e dos antropomorfos? Em relação ao tamanho do corpo, o comprimento do braço humano é apenas igual a dois terços do comprimento dos membros superiores do chimpanzé! E como construir uma série contínua de variação de comprimentos dos membros se nem elementos para isso existem, pois os fósseis conhecidos em sua maioria se reduzem a crânios e mandíbulas?

As reconstituições deixam muito a desejar do ponto de vista científico. Excetuando os neandertalenses

ses e alguns sinantropos, sempre se baseiam em crânios e maxilares e muitas vezes, destes existem apenas fragmentos.

E não é muito difícil errar uma reconstituição feita apenas sobre fragmentos. Se ainda levarmos em conta a possibilidade de deformações produzidas pelas rochas metamórficas, bem como deformações artificiais semelhantes às que levam a efeito os selvagens da Oceania e outras regiões, concluímos que se está exigindo muito de coleção paleontológica bastante pobre.

Criaturas gigantes. — Considerando peças paleontológicas encontradas no Oriente (dentes e fragmentos de maxilares desproporcionalmente grandes) os paleontólogos foram levados a admitir no passado a existência de seres humanos gigantes. Isso não é estranho ao criacionista, pois antes e após o di-

lúvio, a Bíblia menciona que “havia gigantes sobre a face da Terra”.

Essas considerações favorecem àqueles que se batem do lado do criacionismo e indicam que em grande parte a luta que se trava em torno dos remanescentes do homem fóssil é uma questão de interpretação dos fatos. Como defensores da filosofia criacionista, fundados sobre o firme alicerce das Sagradas Escrituras, admitimos que cientificamente não é possível explicar todos os fatos relativos à origem e antiguidade do homem. É razoável, pois embora não exista conflito entre os escritos sagrados e a verdadeira ciência, sabermos que a Bíblia não é livro para ser provado pela ciência humana. Quando os métodos da ciência não nos puderem elucidar, lembremo-nos da proposição bíblica que diz: “O justo também viverá da fé”.

O Enigma dos Discos Voadores

MIGUEL A. ALVAREZ

É INDUBITÁVEL que vivemos numa época em que o povo de Deus deve aguçar a percepção espiritual a fim de discernir as diferentes maneiras em que Satanás se apresenta aos homens de nossa geração, preparando-os para o engano final.

No livro de Apocalipse somos advertidos sobre a “hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na Terra” (Apoc. 3:10); e a serva do Senhor, aplicando essa situação ao espiritismo moderno, diz:

“Satanás opera com ‘todo o engano da injustiça’, para alcançar domínio sobre os filhos dos homens; e os seus enganos aumentarão continuamente.” — *O Conflito dos Séculos*, pág. 606.

“Pouco a pouco Satanás tem preparado o caminho para sua obra de sedução: o desenvolvimento do espiritismo... todos, menos os que estão protegidos pelo poder de Deus e pela fé em Sua Palavra, serão envolvidos nesse engano.” — *Id.*, pág. 608.

Ao notarmos o incremento que está tomando este movimento, vemos a confirmação destas sábias declarações, já que êle logrou introduzir-se nas esferas científicas, educativas, políticas e até religiosas, revestido de difarces sedutores.

Não é nosso propósito comentar a infiltração desta apostasia nos setores mencionados, já que isto é do conhecimento geral. Desejamos considerar um assunto que, em vista da feição que os fatos estão assumindo, parece que se apresenta como um possível aborço do próprio espiritismo: o problema dos discos voadores. Penso que adentraríamos o terreno do absurdo que quiséssemos negar-lhe a existência, diante das sérias declarações que nos chegam da imprensa, do rádio, dos salões de conferências, etc. Não estamos em condições de asseverar que nos achamos diante

de um caso de neurose ou psicose coletiva. Inclínamo-nos, antes, a aceitar a realidade destas aparições extraordinárias, atribuindo-lhe a origem e propósitos a fontes bem diferentes das que geralmente se admite e se comenta.

Aceitas as possibilidades da existência dos discos voadores, há os que encaram os fatos em referência sob três aspectos: a) o científico, b) o teológico e c) o metapsíquico.

No primeiro prevalece a inclinação de atribuir tais aparições a visitas que outros planetas habitados nos desejem fazer, em virtude de aceitarse como factível a existência da vida em alguns deles. Um dos diários vespertinos de Buenos Aires registrou o fato de que Einstein ao ser interrogado por homens de ciência e jornalistas, declarou que “não lhe parecia nenhum disparate que êstes aparelhos viessem de outros planetas mais evolucionados, desejosos de colaborar conosco e ensinar-nos como são e vivem em seus mundos de origem.” — *La Razón*, de 9-8-59.

O Sr. Hermann Obertg, presidente da Sociedade Alemã de Astronáutica, manifestou sua convicção, como resultado de estudos realizados, de que os seres que habitam outros planetas de nosso sistema solar se visitam há milhares de anos, fazendo intercâmbio de seus mútuos conhecimentos dentro da maior fraternidade e harmonia, fruto de avançada evolução. Afirmou que, nesse período evolutivo, tocava a vez a nosso planeta, e que estamos para ser ajudados pelos seres enviados nos discos voadores em missão de paz e amor, e que não deveríamos estranhar se logo se realizassem normalmente entrevistas com êsses enviados. (*La Razón*, de 9-8-59.)

Na posição teológica deve-se destacar a opinião do escritor católico Daniel Rops, que publicou um ensaio que tem por título: "E se os discos voadores fôsse anjos?". Baseia sua hipótese no fato de as Escrituras Sagradas não negarem a existência de outros habitantes do universo.

Por outro lado, um pastor protestante assevera que os tripulantes dos discos voadores são seres superiores, protegidos pela vontade divina, aos quais não devêramos temer, mas facilitar-lhes a comunicação com a Terra. E o Sr. Alberto Perego, diretor do Centro de Estudos de Aviação Eletromagnética, numa entrevista coletiva à imprensa em Roma, declarou que os discos voadores agem como patrulhas policiais interplanetárias enviadas de Marte e Vênus, com o fim de impedir que os dois blocos [políticos] que há na Terra façam voar o planêta. Declarou que êle próprio observara evoluções de uma patrulha de discos voadores no dia 7 de setembro de 1954, aniversário da revolução soviética, enquanto sobrevoavam a cidade de Roma. Os discos voadores terminaram sua demonstração formando uma cruz sôbre a basílica de S. Pedro, com o fim de fazer os homens compreenderem que é tempo de coexistirem e viverem segundo os DEZ MANDAMENTOS, em lugar de pensarem em revoluções e destruições atômicas. (*La Razón*, 4-10-58.)

Por último, do ponto de vista metapsíquico combinam-se as duas posições anteriores, havendo sido surpreendidas muitas entidades do mundo espiritual por revelações extrafísicas através do terreno astral da telepatia, o chamado campo científico da parapsicologia, e certos médiuns, que assinalam a origem dos discos voadores, seu material, descrição dos seres que os conduzem, sua constituição físico-espiritual e pormenores adicionais, nos levam a identificar seus conceitos com os firmes princípios sustentados pelo espiritismo ou outras derivações da citada pseudociência.

Diante destas e outras declarações que proliferam em nossos dias, cabe-nos perguntar: Estarão os discos voadores cumprindo em parte a seguinte predição do Senhor?:

"Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios, operadores de prodígios. Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a se unirem a Satanás em sua última luta contra o governo do Céu." — *O Conflito dos Séculos*, pág. 675.

Embora não possamos ainda responder categoricamente a esta pergunta, as declarações acima nos levam a tecer certas conjecturas, permitindo-nos vislumbrar as artes enganosas com que opera Satanás a fim de implantar, chegado o momento em que Deus o permita, a lei que o "homem do pecado" forjou incluindo seu sinal, sinal de autoridade, em contraposição ao selo do Criador.

As posições sustentadas pelos três pontos de vista apresentados convergem maravilhosamente para vários propósitos idênticos que não podem passar despercebidos. São êles: 1) o anelo de uma paz internacional; 2) a implantação de um código moral que sabemos não há de coincidir com o que se acha registado no capítulo 20 do livro de Êxodo; 3) a implantação da teoria da evolução do homem nos planos físico e espiritual, que tende a negar o sacrifício expiatório de Cristo, e 4) movimentos subversivos que hão de provocar a unidade cristã e ao mesmo tempo sua conversão aos costumes populares.

Enquanto cumprimos nossa comissão evangélica, não deixemos de vigiar, a fim de percebermos o momento em que tôdas as forças combinadas de Satanás se desencadeiem e converjam, levando o mundo à grande apostasia. Que os argumentos apresentados nos sirvam de toque de alerta, até que em futuro próximo possamos, com tôda a certeza da fé e com as devidas garantias do Espírito, exclamar como o apóstolo S. Paulo: "não sejamos vencidos por Satanás, porque não ignoramos seus ardis." (II Cor. 2:10 e 11.)

O Ministro Não Deve Enredar-se em Negócios

"Os que se acham em Seu serviço precisam separar-se de todo embaraço de negócios, que lhes manchem o caráter cristão... Os que se entregam à obra do ministério não se devem enredar com ramos de negócios que venham trazer aspereza a sua vida, e sejam detrimentes a seu progresso espiritual na obra que o Senhor lhes deu a fazer." — *Carta* 53, 1905.

OBRA PASTORAL



Passos Essenciais Para Obter-se Êxito no Ministério — V DILIGÊNCIA

TAYLOR G. BUNCH



“CUIDADO ativo em qualquer empreendimento, físico ou mental; constante atenção aos negócios; qualquer atividade produtiva; o contrário de indolência ou preguiça” — assim podemos definir a palavra *diligência*, atributo essencial ao êxito no ministério.

Em qualquer ramo de atividade o êxito se torna impossível sem um espírito diligente. Disse o sábio: “Guarda com tôda a diligência o teu coração, porque dêle procedem as saídas da vida.” Prov. 4:23 (tradução Brasileira.) A palavra “saídas” é aqui empregada para significar colheita, produtos ou resultados da vida. Um dos mais eloqüentes e fascinantes pregadores dos tempos apostólicos, foi Apolo, de quem se declara ser “poderoso nas Escrituras,” e “fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor.” Atos 18: 24 e 25. Na verdade, foi um grande pregador e ganhador de almas porque era *diligente* estudante das Escrituras.

Herrick Johnson disse: “O MINISTRO OCIOSO E INDOLENTE CONSTITUI UMA DAS MAIS TRISTES ANOMALIAS, E SUAS HORAS E OPORTUNIDADES DESPERDIÇADAS FORMARÃO TERRÍVEL ACUSACÃO QUANDO OCORRER A PRESTAÇÃO DE CONTAS,” e em seu livro *Pastoral Work*, o Dr. André Blackwood diz à pág. 32: “Indolência ou preguiça constituem o pior dos pecados ministeriais. Êste mau espírito pode pairar sobre as horas de estudo que o homem deve ter. Quem, a não ser Deus, sabe como o pastor despense seu tempo quando está a sós com os livros?” Quão certo é isto. Não tem que assinar ponto, faz o seu programa de trabalho, e nenhuma pessoa tem melhor oportunidade de furtar-se aos deveres. Há ministros cuja vida é quase contínuas férias, e no entanto imaginam-se muito ocupados, e o são, no que tange a seus horizontes limitados.

A indolência define-se como “relutância em agir ou trabalhar; vagarosidade; ociosidade; preguiça.” A indolência é o contrário da diligência, é tão grave que se inclui entre os sete pecados mortais. Lemos em Hebreus 6:12: “Para que não vos façais negligentes, mas sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdaram as promessas.” Isto indica que a indolência não apenas prejudicará o trabalho, como

também privará o indolente da herança no reino da glória.

A Bíblia contém muitas advertências contra a indolência, a vagarosidade e a preguiça. Eis algumas: “A alma do preguiçoso deseja, e coisa nenhuma alcança; mas a alma dos diligentes engorda.” Prov. 13:4. “O caminho dos preguiçosos é como a sebe de espinhos, mas a vereda dos retos será bem igualada.” Prov. 19:15. “O desejo do preguiçoso o mata, porque as suas mãos recusam-se a trabalhar.” Prov. 21:25. Há um ditado que diz: “O diabo nunca está demasiado ocupado em embalar o berço de um santo que dormita,” e acrescentariamos, especialmente de um ministro dorminhoco e preguiçoso!

Bom conselho deu o sábio ao dizer: “Tudo quanto te vier às mãos para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma.” Ecl. 9:10. A vida é curta, o tempo de trabalho é limitado, e grande a obra a ser feita. Exigem-se, pois, fervor e diligência se quisermos obter êxito em qualquer vocação. O arcebispo Leighton disse certa vez: “Para aquêles que não conhece o pôrto em que se acha ancorado, nenhum vento pode ser favorável,” e o Dr. Davi Starr Jordan declarou que “o mundo inteiro dará apoio e deixará passar o homem que sabe para onde vai.”

Excelente conselho para todos, e especialmente para o ministro é dado em Prov. 4:25-27. Diz: “Os teus olhos olhem direitos, e as tuas pálpebras olhem diretamente diante de ti. Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem ordenados! Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.” É a singularidade de propósito essencial ao êxito em qualquer ramo. O ministro que tem a exata compreensão da missão não se empenha em atividades remuneradas complementares, as quais interferem com a obra para que foi divinamente chamado e ordenado. O cônego Pedro Green disse: “Se um homem se achar plenamente pôsto em seu trabalho, e fizer dêle o principal objetivo e deleite de sua vida, não é de esperar-se que êle disponha de muito tempo para coisas não ligadas à sua atividade.” Falava assim a respeito dos ministros. Ao nosso ministério se deram oportunas advertências acerca disso.

Em seu livro *His Word Through Preaching*, diz o bispo Geraldo Kennedy: “O ministério é um emprego de tempo integral desde o momento em que

se vai à pequena igreja da zona rural de quarenta membros até a ocasião em que, pela graça de Deus, se é chamado para a ampla catedral de milhares de membros com uma porção de oficiais e coobreiros. Jamais houve igreja que exigisse mais tempo do que um homem tinha para dar, ou fizesse jus a uma mais completa dedicação do que a que o melhor de nós pudesse demonstrar. Jamais vi um homem preocupado com atividades remuneradas complementares que se demonstrasse bem capaz em seu ministério." Pág. 86.

Quando desempenhava o cargo de pastor da igreja de Riverside, em Nova York, o Dr. Harry Emerson Fosdick, tinha um programa que requeria uma hora de estudo para cada cinco minutos de seu sermão. Esse programa de estudo bem depressa lotaria os bancos de qualquer igreja. Tiago Gordon Gilket, um pastor de experiência e autor de muitos livros, disse: "O pastor precisa planejar trabalhar pelo menos doze horas por dia. Precisa controlar seu tempo com o máximo cuidado, e eliminar decididamente de sua vida as inumeráveis pequenas tarefas que o impedem de realizar bem sua tarefa mais importante."

A necessidade de diligência na obra de Deus é vividamente declarada nos seguintes parágrafos de Ellen G. White:

"Deus não tem emprêgo para homens preguiçosos em Sua causa; Ele quer obreiros atenciosos, bondosos, afetivos e diligentes. O esforço ativo fará bem

a nossos pregadores. A indolência é prova de perversão. Cada faculdade da mente, cada osso do corpo, cada músculo dos membros, mostra que Deus designou nossas faculdades para serem usadas, e não para permanecerem inativas. . . . Homens que, desnecessariamente, empregam as horas do dia para dormir, não têm o senso do valor dos preciosos e áureos momentos. . . . Pessoas que não adquiriram hábitos de estrita operosidade e economia de tempo, devem ter regras estabelecidas para as estimular à regularidade e à presteza. . . .

"Os homens de Deus precisam de ser diligentes no estudo, esforçados na aquisição de conhecimentos, nunca desperdiçando uma hora. Mediante esforços perseverantes, podem atingir quase qualquer grau de eminência como cristãos, como homens de poder e influência. Muitos, porém, nunca alcançarão uma posição superior no púlpito ou no emprêgo, devido a sua instabilidade de propósito, e à frouxidão dos hábitos contraídos na mocidade. Em tudo que empreendem, ver-se-á descuidosa desatenção.

"Um súbito impulso aqui e ali, não é suficiente para efetuar uma transformação nesses amantes da comodidade e indolência; isso é a obra que exige paciente perseverança no fazer o que é direito. Homens de negócios só podem ter êxito real, se tiverem horas regulares para erguer-se, orar, comer e deitar-se. Se a ordem e a regularidade são essenciais nos empregos mundanos, quanto mais na obra de Deus!" — *Obreiros Evangélicos*, págs. 277 e 278.

O Ministro e o Lar

ARCHA O. DART

Secretário do Departamento de Educação do Lar e dos Pais da Associação Geral

O LAR do ministro influencia mais pessoas do que seu púlpito. "Muito mais poderosa que qualquer sermão pregado, é a influência de um verdadeiro lar, no coração e na vida." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 303. Esta é a razão por que Satanás tenta o pai a negligenciar seu lar. Procura manter o pai ou mãe tão ocupado com tôda a espécie de atividades, de modo a não dispor de tempo para dar à própria família. Eis um dos motivos por que alguns bons pastores produzem muito pouco, ao passo que oradores de menos talento conseguem às vezes rica colheita de almas. Uma boa família é de valor inestimável para o ministro.

Certo dia, um jovem de muito trato no colégio veio até meu escritório e declarou que necessitava de conselho pastoral. Ao apresentar-se reconheci um nome assaz conhecido entre nós, e indaguei-lhe se era parente do pastor.

— Sim — respondeu — éle é meu pai.

— Oh, é um homem maravilhoso, verdadeira coluna da igreja — disse eu.

— Deve ser um homem maravilhoso — concluiu tristemente. Li acêrca dêle na *Review*.

A entrevista de mais de uma hora revelou que o coração dêste jovem ansiava mais por um pai do

que por um conselho pastoral. No que tocava ao pai, bem poderia ser órfão. Nessa ocasião seu pai visitava algumas igrejas na Europa e não estaria no lar por várias semanas. E quando voltava à pátria não estava no lar. Estava no escritório nos dias úteis, e aos sábados no púlpito. Seu filho o conhecia mais através das colunas da *Review and Herald*.

Acontecerá acaso que alguns ministros, que ganharam muitas almas para Cristo, sejam forçados a lamentar: "Fizeram-me guarda da vinha; mas das minhas próprias videiras tenho cuidado?"

Noé tivera pouco êxito em converter o mundo durante sua campanha de 120 anos, porém salvou a família, e Deus o chamou de "pregoeiro da justiça." "Os deveres do ministro jazem em tôrno dêle, próximos e distantes; mas seu primeiro dever é para com os filhos." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 205.

Obreiros consagrados estão prontos a entrarem imediatamente em ação quando o significado destas palavras é plenamente compreendido: "Estamos suportado terríveis prejuízos em todos os ramos da obra por causa da negligência da educação doméstica." — *Child Guidance*, pág. 303.

Todo o ministro deseja ter êxito. O consagrado homem de Deus não considera demasiado grande nenhum esforço ou alto custo para si a fim de salvar uma alma da morte eterna. Os desejos pessoais são esquecidos, o desconforto físico perde significado, quando busca o perdido. Sua grande e única paixão é livrar o que está perigando.

Não importa quão bem sucedido possa ser, o pregador que progride jamais está satisfeito com as conquistas passadas. Quer progredir mais. Lê e estuda constantemente em busca de melhores métodos de trabalho; procura ansiosamente novas oportunidades de alcançar mais e mais pessoas. No entanto, com que freqüência seus melhores esforços pouco ou quase nada conseguem. Pode semear um grande campo e desperdiciar muito dinheiro em cultivá-lo, e no entanto obtém colheita bem diminuta. Que mais podia ter feito? Rememora o passado, perscruta a própria alma, e roga a Deus por sabedoria.

Deus lhe responde a oração chamando-lhe a atenção para as causas ocultas de resultados tão minúsculos. Ei-las: "Podem os ministros fazer bem e fielmente sua obra, e contudo produzir muito pouco se os pais negligenciam seu trabalho" — *Idem*, pág. 550.

É possível mesmo que um ministro diligente no trabalho, incansável nos esforços, venha a ser o único culpado de negligenciar suas responsabilidades paternas. Que pode fazer? Entregar-se-á ao desespêro?

Nenhum pensamento desanimador provém do Céu. Deus não nos mostra a causa e a seguir nos deixa a tatear o caminho. Ele dirige nossa atenção para o remédio. Diz: "Se se concedesse mais atenção à tarefa de ensinar aos pais a maneira de formar os hábitos e o caráter dos filhos, o resultado seria cem vezes mais benéfico." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 303. (Grifos acrescentados.) Graças a Deus por esta certeza. Eis uma nota promissória no banco do Céu, de que se educarmos os pais para seu trabalho, haverá cem vezes mais benefícios do que o que temos agora. Pensemos, num aumento de 10.000 por cento — que algarismo desconcertante! Sômente Deus podia prometer isso.

A pergunta que cada obreiro tem que decidir por si é o que fará com êste oferecimento. Deus prometeu toda a terra de Canaã aos filhos de Israel, mas dez dos espíes não puderam ver além dos gigantes que andavam altivamente pela região. Aquêles dez dirigentes jamais compreenderam qualquer parte daquela promessa. Contudo os dois espíes que olharam além dos gigantes e fizeram a obra que Deus lhes planejara fazer, viram o cumprimento literal de Sua palavra. Receberam os vinhedos já plantados, poços cavados, e casas prontas para serem ocupadas.

Satanás sempre encontra um gigante de pé entre nós e o êxito ilimitado. Uma das coisas que afugentam os ministros de ensinarem os pais é a idéia de que pais e mães julgam-se dispensados de auxílio. Isto é uma falácia. Com pouquíssimas exceções os pais em toda a parte clamam por auxílio, estão ansiosos por informação e buscam conselho. O de que se ressentem, unicamente, é de incriminação, censura, e publicidade de seus erros.

Final de contas, incriminar o pai ou a mãe ou os vizinhos não resolve o problema. A obra do conselheiro não é inculpar ninguém, nem impor casti-

go ao culpado, mas ajudar os pais a encontrarem solução para seus problemas. O criticar não é ensinar. Confunde, desanima, agrava a complexidade da situação, mas não instrui. Dizer aos pais que fizeram algo errado não é novidade para eles. Não há dúvida de que estavam cientes disso antes que o estivessemos. Tampouco o mexericar acerca dos pecados e erros alheios ajudam o pecador ou o santo. A moléstia não se cura por passá-la a um terceiro. O pregador não deve censurar os pais, mas ensiná-los.

Quando os pais compreendem que seu pastor manterá em estrita confiança o que lhe fôr dito, e que se mostre disposto e ansioso em ajudá-los na solução de seus problemas, aproximar-se-ão dêle em busca de conselho, e desejarão que os oriente.

O gigante mais persistente que atormenta o pregador dia e noite é o tempo. Quer seja evangelista, pastor ou departamental, há tantas exigências de seu tempo que se torna impossível cumpri-las todas. Como pode o obreiro consciencioso dizer quais destas são obrigações suas e quais são ardis de Satanás para mantê-lo longe de seus legítimos deveres?

Diz-nos claramente o Espírito de Profecia: "Vosso primeiro campo ministerial é guardar e educar vossos filhos, cuidando do pequeno jardim que Deus vos tem dado, e quando educardes êstes filhos então tereis feito uma obra que Deus abençoará." — Ellen G. White, *Manuscrito* 13, 1886. Vosso lar é o fundamento de vossa obra. O negligenciar êste fundamento pode ser desastroso para a obra de Deus posteriormente. "O sábado e a família foram, semelhantemente, instituídos no Éden, e no propósito de Deus acham-se indissolúvelmente ligados um ao outro." — *Educação*, pág. 250. O representante de Deus não negligenciará seu lar como não profanará o sábado. Será tão fiel em instruir sua congregação no tocante à vida no lar como em ensinar a devida observância sabática.

O terceiro grande gigante apresentado por Satanás declara ousadamente que ninguém, na igreja, se acha qualificado para ensinar os pais. Isto pode ou não ser verdade. Se é verdade, impõe-se uma mudança imediata. É uma desonra permanecer alguém na ignorância. "Assumir as responsabilidades da paternidade sem êsse preparo, é um pecado." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 332.

A indagação que cada pastor deve fazer sinceramente é: Onde posso encontrar o melhor homem ou mulher para ensinar os pais em minha igreja? A resposta naturalmente varia de igreja para igreja. Em algum lugar um obreiro aposentado talvez seja o homem ideal para esta tarefa deveras importante, e em outro, uma jovem mãe ocupada talvez seja a melhor que se pode encontrar. Mas na maioria dos casos o pastor descobrirá que êle próprio é quem deve dar esta instrução. "Os que levam a última mensagem de misericórdia ao mundo sentem que é seu dever instruir os pais a respeito de religião no lar." — *Test. for the Church*, Vol. 6, pág. 119.

A seção de Lar e Pais do Departamento de Educação da Associação Geral está sempre pronta para ajudar pastores e pais em qualquer esfera de ação ao seu alcance. Os dois livros do Espírito de Profecia, *The Adventist Home* e *Child Guidance*, além da revista *Adventist Home and School*, são destinados a fortalecer todos os lares na igreja. Preparou-se também uma série de doze lições para educação

Urgente Necessidade de Conselheiros

SALVADOR ISERTE

O MUNDO e a igreja necessitam de conselho, especialmente os jovens e enfermos da alma e do corpo. Ellen G. White disse que "o conselho dos que têm experiência" são "todos essenciais" (*Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 431). O ministro, em virtude de suas responsabilidades eclesiásticas e administrativas, dispõe de pouco tempo para dedicar-se à ciência de aconselhar, porque cada pessoa (e quem não o necessita hoje em dia?) deve ocupar uma hora por semana durante alguns meses. Cada ano que passa maior se torna a necessidade de pastores-conselheiros que dediquem todo o seu tempo a esta tarefa, especialmente nas grandes cidades, assim como em hospitais e colégios, com o objetivo de fortalecer os nossos membros que têm problemas vitais a resolver, como também para acolher com êxito os simpatizantes.

É lastimável que bom número de pessoas, em nossas igrejas, dizem: "Não há quem cuida de minha alma" (Sal. 142:4).

Que desafio para os nossos dirigentes! "A pessoa necessitada é a primeira responsabilidade, e todo o programa da igreja deveria focalizar a necessidade e personalidade humanas". — *The Ministry*, abril de 1957, pág. 37. E Ellen G. White disse que "o enfermo de espírito necessita da experiência da alguém... que possa simpatizar com êle e ajudá-lo". — *Parábolas de Jesus*, págs. 387 e 388.

Esta obra não pode ser feita com os jovens, sobretudo se estão desejosos de exibirem-se "à luz das lâmparas", mas por homens maduros de 40 a 60 anos de idade, cujo único desejo seja, pondo-se silenciosamente em segundo plano, ajudar aos indivíduos a encontrarem seu caminho, que é a senda da utilidade e da felicidade, mediante a aceitação das responsabilidades morais, graças à mão ajudadora do conselheiro. Diz a Palavra de Deus: "Pereceu teu conselheiro?" Miq. 4:9.

"Hoje em dia as pessoas vivem sob tremenda tensão. O mundo está cheio de temor, e muitos, torturados por um terror sem nome, sentem-se incapazes de analisar seus problemas. Dominados por uma tirania interior, não têm segurança. Se pudessem descobrir seus complexos ocultos e dar-lhes liberdade! O de que necessitam é um conselheiro sensato e compreensivo. Cada igreja necessita de uma clínica de conselhos vocacionais e sociais." — Roy A. Anderson, em *The Shepherd Evangelist*, págs. 570 e 575.

"Aumenta o número de sacerdotes, ministros e professores que aprendem psicologia e a põem em

de pais e filhos, denominada "The Christian Home Series C." Todo o lar onde haja filhos deve possuir a coleção completa.

Se quereis aumentar em 10.000 por cento vossa eficiência, ensinai aos pais suas responsabilidades. "No lar lança-se o fundamento da prosperidade da igreja. As influências que regem a vida doméstica espraiam-se na vida da igreja; por conseguinte os deveres da igreja devem primeiramente começar no lar." — *The Adventist Home*, pág. 318.

prática." — *Life* (em espanhol, 2 de abril de 1957, pág. 70).

Há grande necessidade de doutrinação, de obra missionária e trabalho administrativo, porém ainda maior é a necessidade de fazer diretamente a obra que Cristo fez. "O Senhor Me ungiu para sarar os quebrantados de coração". S. Luc. 4:18. Diz o Espírito de Profecia: "Ajudai-os a solverem os problemas da vida." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 157.

Para realizar esta obra há falta de homens que tenham experimentado as adversidades da vida, a fim de poderem sentir compaixão pelos que se acham em dificuldades. II Cor. 1:4; Heb. 4:15. "O que se compadece dêles os guiará, e os levará mansamente aos mananciais das águas." Isa. 49:10. "E repousará sobre Ele o Espírito do Senhor; ... o espírito de conselho e de fortaleza." Isa. 11:2.

O objetivo da arte e ciência de aconselhar e da obra de orientação, consiste em ajudar a pessoa a alcançar a maioridade, graças ao crescimento interno, à maturidade emocional, e à fé em Deus e no desenvolvimento da responsabilidade pessoal. Assim poderá enfrentar as dificuldades da vida moderna na família, e no trabalho e nos problemas sexuais e pessoais. Dêste modo, à medida que a pessoa descobre o plano de Deus para a sua vida, se vai transformando num homem novo com novo propósito, avançando passo a passo por um novo caminho com segurança, júbilo e coragem, eis que seus temores e ansiedades desapareceram. Compare-se êste processo com a independência das colônias européias na América. Isto é o que precisa alcançar toda a pessoa que venha ao consultório psicológico pastoral ou clínica da alma.

O conselheiro não substitui o ministro, mas cumpre missão específica, indicada na Palavra de Deus e nos escritos do Espírito de Profecia. Que grande obra aguarda ser feita por êste ramo de serviço!

Os estudantes dos cursos superiores de nossos educandários deveriam aprender os fundamentos da ciência e arte de aconselhar, porque amanhã dêles terá grande necessidade.

Um pastor-conselheiro teve num ano 1.100 entrevistas sobre problemas conjugais, alcoolismo, relações entre pais e filhos, ansiedades, culpabilidade, impertinência da velhice, perda de emprêgo, vocação, problemas de sexo, educação, desânimo, etc. Dêste modo pôde lidar com as mais amplas perspectivas da vida, seu significado e propósito, objetivos por que lutamos, valores mais dignos e atitudes graças às quais podemos exibir o que de melhor possuímos e prestar maior serviço a nossos semelhantes. Esta obra tem pago bons dividendos no soerguimento moral, espiritual e social da comunidade e da igreja (já que ambas dependem do verdadeiro êxito na vida individual), tem ganho amigos e salvo almas.

O pastor-conselheiro deve estar livre da rotina administrativa e eclesiástica. A êste ramo nascente da obra se poderia denominar "conselheiro-orientador" ou "assessoramento pastoral e psicológico".



O MATERIAL DE ILUSTRAÇÃO

J. W. OSBORN

A ÚLTIMA geração que povoa a Terra está acostumada a tôda a sorte de material ilustrativo. Acostuma-se mais e mais a que se lhe apresentem os fatos por meios visíveis. Os filhos dêste mundo têm sido mais rápidos que os filhos da luz para compreender o valor dêste material. Pelo fato de aproximadamente 85% de nossos conhecimentos chegarem ao cérebro por meio da vista, grandes esforços se fizeram para convencer, persuadir e vender por meio do material ilustrativo.

O Espírito de Profecia reitera vêzes várias o valor dêstes veículos na apresentação do evangelho eterno. Falando do emprêgo de cartazes, há declarações como esta:

“Tais métodos serão usados mais e mais neste trabalho de finalização.” — *Evangelismo*, pág. 205.

“Fui instruída clara e nitidamente quanto a deverem usar-se quadros na apresentação da verdade.” — *Idem*, pág. 203.

Quer nos agrade, quer não, temos que pregar a pessoas acostumadas a ver tôda a sorte de quadros, filmes e imagens. Pode ser que deploremos o fato de as pessoas, cada dia, serem menos capazes de captar a lógica abstrata; que considerem não ter seu alimento intelectual sabor algum a menos que lhes seja servido em forma visível, contudo devemos reconhecer que esta é a situação. Podemos nos conformar com a idéia de que apesar de tudo estamos ganhando muitas almas sem recorrer a êstes métodos, porém em vista do conselho que nos é dado no livro *Evangelismo*, não é verdade que aumentaria grandemente o número de almas a serem ganhas se se empregasse mais material ilustrativo apropriado?

Como Empregar o Material Ilustrativo

Nestes termos, o problema que se apresente não é “empregá-lo-ei?”, mas sim “como empregá-lo?” É o emprêgo inadequado destas ilustrações que contribui para que muitos não lhes dêem o merecido valor. Há certos princípios básicos que se devem seguir para que se tornem uma real contribuição ao trabalho de apresentar a mensagem.

Em primeiro lugar, devem ser simples. As ilustrações baseadas em complicados mecanismos, freqüentemente trazem mais prejuízo do que benefício. A atenção do auditório desvia-se para considerar a própria ilustração em vez de concentrar-se no objetivo dela. Uma ilustração complicada pode obrigarnos a realizar uma série de operações complexas que distraiam o auditório ao ponto de esquecer comple-

tamente a verdade que queríamos ilustrar. Além disso, essa classe de material ilustrativo pode consumir quantidade de tempo em desproporção ao seu valor. A importância da simplicidade se estabelece nestas palavras:

O uso de quadros é muitíssimo eficaz para explicar as profecias referentes ao passado, presente e futuro. Devemos, porém, tornar o nosso trabalho tão simples e econômico quanto possível. — *Evangelismo*, pág. 203.

Consoante o parágrafo anterior, nosso material de ilustração não deve ser dispendioso. O alto valor de certo material não é necessariamente uma prova de sua eficiência. Há exceções, porém de modo geral, uma ilustração menos custosa, dá o mesmo resultado. Além disso, se nos valemos de equipamento caríssimo, os gastos são maiores devido a exigir mais cuidado em seu manejo. Portanto, ao considerar o melhor material ilustrativo para o sermão, deveríamos perguntar a nós mesmos: Como posso fazê-lo na forma mais econômica possível?

A visibilidade é outro fator importante que se deve ter em conta. Qualquer que seja a ilustração, diagrama, cartaz ou figura de madeira, a pessoa que está assentada na última fileira precisa vê-la claramente. As letras da ilustração devem ser suficientemente grandes e espaçadas a fim de que todos possam lê-las facilmente. Tão molesto é não se poder ver algo que está sendo exibido, como não se poder ouvir um orador discursando. Os evangelistas novatos, ao adquirirem o equipamento, devem lembrar-se de que, à medida que progredirem, deverão falar a auditórios maiores. Para isso, devem preparar-se tendo isto em conta, e não apenas seu reduzido auditório do momento. Pode-se aumentar a visibilidade de uma ilustração iluminando-a em forma adequada.

Devemos escolher ilustrações atraentes. Os olhos do público estão acostumados ao melhor, quer se trate de ilustrações coloridas, pintadas, impressas, projeções na tela ou figuras tridimensionais. Os diagramas, quadros e ilustrações de qualidade inferior, tiram o valor de nossa mensagem, segundo a opinião de muitos crentes. Pode ser que um bom trabalho artístico, realizado por pessoa de experiência, custe um pouco mais; porém, em última análise, sai mais módico. Ilustrações preparadas em casa podem ser aceitáveis se forem feitas com todo esmero.

Os evangelistas que empregam com freqüência diapositivos, devem desfazer-se constantemente do material passado da moda. É melhor usar menos projeções, e mesmo deixar de usá-las, do que em-

pregar "slides" obsoletos ou de inferior qualidade. Não nos esqueçamos de que hoje o público está acostumado ao melhor.

As ilustrações devem ser práticas, objetivas e com um propósito definido. Jamais se deveria empregá-las pelo mero fato de exibi-las. É um desastre preparar-se um sermão para justificar uma ilustração, em lugar de ser esta mero veículo para gravar na mente dos ouvintes os ensinamentos da pré-dica. De quando em quando alguns cedem à tentação de preparar os assuntos em torno de uma ilustração que constitua novidade. Isto é como se o rabo movesse o cachorro, em vez d'êste mover aquê-le.

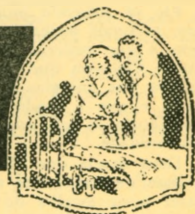
Por fim, o material ilustrativo deve ser variado. Reconhecemos que alguns empregaram com êxito certo tipo de ilustrações, porém isto não desmente o princípio de que a variedade aumenta bastante o interesse. Um regime que consista exclusivamente de sopas pode agradar a alguns, porém a maioria

prefere alimentação mais variada. Com base neste princípio, o uso de diagramas, ilustrações, cartazes, quadro-negro, lições objetivas, projeções luminosas, etc., em separado ou combinado, contribuirá para aumentar o interesse, que poderá ser mantido pelo uso de mais de uma espécie de ilustração.

Contudo o material ilustrativo não constitui a chave do êxito do evangelismo público, do mesmo modo que os instrumentos cirúrgicos não são os que asseguram o êxito da operação. No entanto, assim como um médico sem instrumentos adequados trabalha em condições desvantajosas, também o evangelista que despreze o valor do material de ilustração, restringe sua eficiência na obra de ganhar almas.

Como evangelistas, temos explorado ao máximo as grandes possibilidades do material ilustrativo. É razoável que o façamos em vista de que "tais métodos serão usados mais e mais neste trabalho de finalização".

EVANGELISMO DA SAÚDE



A FÉ E A ARTE DE CURAR

LUCILE JOY SMALL

POR que os adventistas não têm dado a devida atenção a estas palavras: "Por que deverjam os filhos e filhas de Deus ser tão relutantes em orar, quando a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Onipotência"? — *Vereda de Cristo*, pág. 92.

A Índia tem muitos poços abertos. Ouço um grito de socorro do fundo de um d'êles. Ache-me, olho para dentro e vejo a cabeça de um cidadão movendo-se na água. Apressadamente procuro uma corda para descer até lá. Continuam os gritos de socorro, mas quando a corda o alcança, êle não a agarra, mas prossegue gritando por socorro. Situação ridícula — direis. Certamente o é, porém é diferente de nossa própria situação? Estamos também clamando fervorosamente por auxílio. Por que Deus não responde? Já respondeu. "Antes que clamem, Eu responderei; estando êles ainda falando, Eu os ouvirei." A Palavra de Deus está cheia de exemplos de respostas às nossas petições. Temos nos familiarizado com estas respostas em nossa vida. Então qual é a dificuldade? Não nos apoderamos de Sua Palavra para trazê-la em nossa própria experiência. Disse Jesus: "Aquê-le que crê em Mim, fará também as obras que faço" (S. João 14:12). Notemos as seguintes passagens inspiradas de *A Ciência do Bom Viver*:

O mesmo poder exercido por Cristo enquanto andava visivelmente entre os homens, acha-se em Sua Palavra.

Era por Sua palavra que Jesus curava a moléstia e expulsava os demônios; por Sua palavra, acalmava o mar, e ressuscitava os mortos; e o povo dava testemunho de que Sua palavra tinha autoridade. Ele falava a palavra de Deus, a mesma que falara a todos os profetas e mestres do Velho Testamento. Tôda a Biblia é uma manifestação de Cristo.

As Escrituras devem ser recebidas como a Palavra de Deus a nós, não meramente escrita, mas falada também. Quando os aflitos iam ter com Cristo, Ele os via não somente a êles que pediam auxílio, mas a todos quantos, através dos séculos, haviam de buscá-Lo com igual necessidade e idêntica fé. Quando disse ao paralítico: "Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados"; quando disse à mulher de Cafarnaum, "Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz", dirigia-Se a outros sofredores, oprimidos do pecado, que haviam de ir ter com Ele em busca de auxílio. S. Mat. 9:2; S. Luc. 8:48.

O mesmo se dá quanto a tôdas as promessas da Palavra de Deus. Por meio delas, Ele nos está falando a nós, individualmente; falando tão diretamente, como se Lhe pûdessemos ouvir a voz. É por intermédio dessas promessas que Cristo nos comunica Sua graça e poder. Elas são fôlhas daquela árvore que é "para saúde das nações". Apoc. 22:2. Recebidas, assimiladas, elas serão a fortaleza do caráter, a inspiração e o sustentáculo da vida. Nenhuma outra coisa pode possuir tal poder restaurador. Nada além delas pode comunicar o ânimo, e a fé que dá energia vital a todo o ser. — Págs. 98, 99 e 100.

Considerámos a fé nas promessas de Deus de um modo geral. Focalizemos agora nossa atenção na fé quando opera na arte de curar. Lemos ainda na *A Ciência do Bom Viver*:

No ministério da cura, o médico tem de ser um coope-

rador de Cristo. O Salvador assistia tanto à alma como ao corpo. O evangelho por Ele pregado era uma mensagem de vida espiritual e de restauração física. O libertamento do pecado e a cura da doença estavam ligados entre si. O mesmo ministério é confiado ao médico cristão. Ele se deve unir a Cristo no aliviar tanto as necessidades físicas como as espirituais de seus semelhantes. Cumpre-lhe ser para o enfermo um mensageiro de misericórdia, levando-lhe um remédio ao corpo doente e à alma enferma de pecado.

Cristo é a verdadeira cabeça da profissão médica. O Médico-chefe acha-se ao lado de todo clínico que trabalha para aliviar os sofrimentos humanos. Ao mesmo tempo que emprega remédios naturais para a moléstia física, o médico deve encaminhar seus doentes Aquele que pode aliviar tanto os males da alma como os do corpo. Aquilo que os médicos só podem ajudar a fazer, é realizado por Cristo. Eles se esforçam por auxiliar a operação da Natureza na cura; quem cura é o próprio Cristo. O médico busca conservar a vida; Jesus a comunica. — Pág. 89.

O médico deve ensinar a seus pacientes que devem cooperar com Deus na obra de restauração. O médico tem uma compreensão sempre crescente de que a enfermidade é o resultado do pecado. Sabe que as leis da Natureza são tão verdadeiramente divinas como os preceitos do decálogo, e que unicamente na obediência às mesmas se pode conservar ou recuperar a saúde.

Ele vê sofrendo muitos em resultado de práticas nocivas, os quais poderiam ser restituídos à saúde, caso fizessem o que poderiam fazer em benefício de sua própria cura. — Precisam que se lhes ensine que toda prática destrutiva das energias físicas, mentais ou espirituais, é pecado, e que a saúde tem de ser garantida por meio da obediência às leis estabelecidas por Deus para o bem da humanidade. . . .

Deus deseja que alcancemos a norma de perfeição que o dom de Cristo nos tornou possível. Ele nos convida a fazer nossa escolha do direito, para nos ligarmos com os instrumentos celestes, adotarmos princípios que hão de restaurar em nós a imagem divina. Na Palavra escrita e no grande livro da Natureza, Ele revelou os princípios da vida. É nossa obra obter conhecimento destes princípios e, pela obediência, cooperar com Ele na restauração da saúde do corpo bem como da alma. — Págs. 91 e 92.

Continuando a leitura do mesmo livro, encontramos estas palavras, à pág. 93:

As palavras de nosso Salvador: “Vinde a Mim, . . . e Eu vos aliviarei”, (S. Mat. 11:28, são uma receita, para a cura dos males físicos, mentais e espirituais. Embora os homens hajam trazido sobre si o sofrimento por causa de seus malfeitos, Ele os olha com piedade. NEle podem encontrar socorro. Grandes coisas fará por aqueles que NEle confiam.

Citando ainda *A Ciência do Bom Viver*:

Se os seres humanos abrissem as janelas da alma em direção ao Céu, apreciando as divinas dádivas, por elas penetraria uma onda de restauradora virtude. — Pág. 93.

Maravilhosas são as oportunidades oferecidas aos guardiões dos enfermos. Em tudo quanto se faz para a restauração dos doentes, faça-se com que eles compreendam estar o médico procurando ajudá-los a cooperar com Deus no combate à moléstia. Levai-os a sentir que, em cada passo dado em harmonia com as leis de Deus, eles podem esperar o auxílio do poder divino. — Págs. 95 e 96.

Novo Exame no Propósito Divino em Curar

Se há alguns que mantêm o pensamento de que nossa obra médica se destina a ganhar amigos para que ouçam o evangelho, espero que façam novo exame e vejam os gratiosos propósitos de Deus em desejar que façamos de todo ato de curar um testemunho do gracioso trato de Deus com Seus filhos. Quando nossos pacientes dessa forma apanham um vislumbre do amor e da misericórdia de Deus, ficam famintos por conhecerem mais. Note-mos estas palavras extraídas de *Counsels on Health*, dando instruções a respeito da influência e da obra de médicos e enfermeiras cristãs:

Os doentes necessitam que se lhes falem palavras sábias. As enfermeiras devem estudar diariamente a Bíblia, para que sejam capazes de proferir palavras que iluminem e ajudem os sofredores. Anjos de Deus acenam-se nos quartos onde estes pacientes são atendidos, e a atmosfera que envolve a alma de quem proporciona o tratamento deve ser pura e fragrante.

Os médicos e enfermeiras devem acariar os princípios de Cristo. Em seu viver Suas virtudes devem manifestar-se. Então, pelo que fizerem e disserem, atrairão o enfermo ao Salvador.

A enfermeira cristã, ao ministrar o tratamento para a recuperação da saúde, atrairá, com prazer e com êxito, a mente do paciente a Cristo, o médico tanto da alma como do corpo. Os pensamentos apresentados, um pouco aqui e um pouco ali, exercerão sua influência. As enfermeiras mais idosas não devem perder a oportunidade de chamar a atenção do doente para Cristo. Devem mesmo estar em condições de misturar a cura espiritual com a física.

Da maneira mais delicada e amável as enfermeiras devem ensinar que aquele que será curado deve cessar de transgredir a lei de Deus. Deve cessar de preferir a vida de pecado. Deus não pode abençoar quem continua trazendo sobre si doença e sofrimento pela deliberada violação das leis do Céu. Cristo, porém, através do Espírito Santo, vem como um poder curador sobre aqueles que cessam de fazer o mal e aprenderam a fazer o bem. — Pág. 406.

Lemos em *Counsels on Health*:

O jovem médico tem acesso ao Deus de Daniel. Pelo poder e graça divinos, pode tornar-se tão eficiente em seu chamado como foi Daniel em sua posição exaltada. É contudo um engano considerar o preparo científico a coisa mais importante, enquanto os princípios religiosos, que constituem a própria base de uma prática bem sucedida, são negligenciados. Muitos são enaltecidos como homens habilidosos em sua profissão, e que zombam da idéia de que necessitam confiar em Jesus para terem sabedoria em seu trabalho. Contudo se estes homens que confiam em seu conhecimento científico fôsem iluminados pela luz do Céu, quanto maior excelência podiam alcançar! Quão mais vigorosas seriam suas faculdades, com muito mais confiança garantiriam casos difíceis! O homem que se acha intimamente ligado ao Grande Médico da alma e do corpo, tem à sua disposição os recursos do Céu e da Terra, e pode trabalhar com uma sabedoria, uma precisão infalível, que o homem ímpio não pode possuir.

Aquêles a quem se confiou o cuidado do doente, quer como médicos ou enfermeiras, devem lembrar-se de que sua obra tem que estar à observação do olhar penetrante de Jeová. Não há nenhum campo missionário mais importante do que aquele ocupado pelo médico fiel e temente a Deus. Não nenhum campo em que o homem possa realizar maior bem, ou ganhar mais jóias a brilhar na coroa de seu júbilo. Pode levar a graça de Cristo, como doce perfume, dentro de todos os quartos de doentes em que entra; pode levar o verdadeiro bálsamo curativo à alma enferma pelo pecado. Pode apontar o doente e moribundo para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Não deve ouvir a sugestão de que é perigoso falar de assuntos eternos aos que têm a vida em perigo, para que não piorem; porém em nove casos em dez o conhecimento de um Salvador que perdoa os faz melhorar tanto na alma como no corpo. Jesus pode limitar o poder de Satanás. Ele é o Médico em quem o doente pelo pecado pode confiar a fim de ser curado das moléstias tanto do corpo como da alma. — Págs. 329 e 330.

O médico deve saber orar. Em muitos casos ele se vê forçado a aumentar o sofrimento a fim de salvar a vida; e quer o paciente seja ou não cristão, sente maior segurança ao saber que seu médico teme a Deus. A oração dará ao doente confiança permanente; e muitas vezes se seu caso é levado ao Grande Médico em confiança humilde, isto fará mais do que todas as drogas que se possam ministrar. — Pág. 324.

Em conclusão, desejo deixar convosco uma alta nota de ânimo extraída de *Parábolas de Jesus*:

Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordenanças são promessas habilitadoras. — Pág. 333.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Encarnação do "Filho do Homem" - VI

(De págs. 61 a 65 do original inglês)

DEVE-SE notar nas declarações citadas que, quanto a escritora mencione que Jesus *tomou* nossa natureza, Ele próprio não era pecador, mas inocente.

O que quer que Jesus haja tomado não era intrinsecamente Seu ou Lhe era inato. Sua tomada da carga de nossas fraquezas e falhas herdadas, mesmo depois de quatro mil anos de enfermidades e degenerescência acumuladas (*O Desejado de Todas as Nações*, págs. 34 e 82), não manchou, nem em mínimo grau, Sua natureza humana. "Ele tomou sôbre Sua natureza sem pecado nossa natureza pecaminosa." — *Medical Ministry*, pág. 181. "Não devemos ter nenhuma dúvida acêrca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo." — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pág. 1131.

"Ele voluntariamente assumiu a natureza humana. Foi um ato espontâneo, por Seu próprio consentimento." — *The Review and Herald*, 5 de julho de 1887.

Sujeitou-Se voluntariamente "a Si mesmo a todas as humilhantes condições da natureza do homem" (*Test. for the Church*, Vol. 4, pág. 458), e "tomou a forma de servo" (Fil. 2:7); "tomou a descendência de Abraão" (Heb. 2:16), para que fôsse feito "pecado por nós" (II Cor. 5:21), e para que se tornasse em todas as coisas "semelhante aos irmãos" (Heb. 2:17).

Tudo que Jesus tomou, tudo que *levou*, quer fôsses a carga e a penalidade de nossas iniquidades, ou as molésias e fragilidades de nossa natureza humana — tudo foi tomado e levado *vicariamente*. Assim como o levar *vicariamente* os pecados de todo o mundo não maculou Sua alma perfeita e sem pecado, tampouco o levar as doenças e fragilidades de nossa natureza caída O manchou, sequer em mínimo grau com a corrutora influência do pecado.

Lembremo-nos sempre de que nosso bendito Senhor era sem pecado. "Não devemos ter nenhuma dúvida acêrca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo." — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pág. 1131.

Ao tratarmos da humanidade de Cristo, necessitamos cuidar enérgicamente de cada afirmação, para que nossas palavras não venham a ser tomadas para significarem mais do que implicam, e assim perdermos de vista ou obscurecermos as claras percepções de Sua humanidade combinada com a divindade. Seu nascimento foi um milagre de Deus. . . . "O Santo, que de ti [Maria] há de nascer, será chamado Filho de Deus." . . . Nunca, de modo algum, deixemos a mais leve impressão na mente humana

de que uma mancha de corrupção ou inclinação para ela havia em Cristo, ou que Ele, de alguma maneira, cedeu à corrupção. Ele foi tentado em todos os pontos como o homem, contudo Ele é chamado "o Santo." É êste um mistério deixado irrelavado aos mortais: Cristo poder ser tentado em todos os pontos como o homem, mas ficar sem pecado. A encarnação de Cristo sempre tem sido e continuará a ser mistério. Aquilo que foi revelado é para nós e nossos filhos, contudo cada ser humano se precavenha de tornar Cristo totalmente humano, como um de nós; pois isto não pode ser. — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, págs. 1128 e 1129.

Que Salvador maravilhoso é Jesus nosso Senhor!

III. Podia Cristo Ter Pecado?

Neste aspecto desta questão vital há diversidade de opiniões na igreja cristã em geral. Julgam alguns que era impossível Jesus pecar; outros, que era possível. Associamo-nos aos últimos em nossa maneira de compreender o assunto, quando em muitos outros aspectos da doutrina cristã, eminentes eruditos da igreja através dos séculos têm expressado muito como o fazemos. Nossa posição sôbre isto foi bem definida por Ellen G. White:

Preendem muitos que era impossível Cristo ser vencido pela tentação. Neste caso, não teria sido colocado na posição de Adão; não poderia haver obtido a vitória que aquêle deixara de ganhar. Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado para nos socorrer. Mas nosso Salvador Se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. . . . Tomou a natureza humana com a possibilidade de ceder a tentação. Não temos que suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido. . . . Cristo venceu em favor do homem, pela resistência à severíssima prova. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 82.

É evidente que, no passado, respeitadas teólogos sustentaram a mesma idéia. Notemos o que segue:

Tivesse Ele sido dotado, desde o princípio, de absoluta impediabilidade, ou da impossibilidade de pecar, não podia ser verdadeiro homem, nem nosso modelo: Sua santidade, ao invés de ser um ato adquirido por Si próprio e um mérito inerente, seria um dom accidental ou exterior, e Sua tentação uma exibição irreal. Como verdadeiro homem, Cristo deve ter sido um livre e responsável agente moral; e liberdade implica a facultade de escolha entre o bem e o mal, e a facultade de desobedecer ou obedecer à lei de Deus. — Filipe Schaff, *The Person of Christ*, págs. 35 e 36.

Se a verdade . . . — a saber, de que a força da tentação era suficientemente forte para criar a consciência de uma luta — deve ser passada por alto, então todo o curso da prova moral pela qual Jesus passou na Terra, degenera de uma vez em mera exibição teatral. . . . Em nos-

so tempo esta idéia docetista não tem aceitação; teólogos de todas as escolas estão concordes em que as forças do mal, contra as quais o Filho do homem travou tão admirável combate, não eram sombras, mas inimigos reais e formidáveis. — Alexander B. Bruce, D.D., *The Humiliation of Christ*, pág. 268.

Sempre que atribuímos, a Jesus na maneira devida e no sentido da Escritura, todos os elementos morais do homem, não devemos separar dêles a liberdade que é a faculdade de escolher entre o bem e o mal; e por essa própria razão devemos admitir isto como compreensível, que Ele pudesse em alguma ocasião ter sido influenciado a um desvio da vontade de Deus. A menos que isto seja admitido, a história da tentação, por melhor que possa ser explicada, não teria significado algum; e a expressão que encontramos na epístola aos Hebreus "Ele foi tentado em todos os pontos como nós" ficaria sem sentido.

Como Jesus era um homem completo, esta susceptibilidade e esta possibilidade devem supor-se co-existir n'Ele. Não coexistissem dessa forma, deixaria Ele de ser um exemplo de perfeita moralidade humana. — KARL ULLMANN, *An Apologetic on the Sinless Character of Jesus* (1841), pág. 11.

Não devemos entender pela expressão [impecabilidade de Jesus] uma impossibilidade absoluta de pecar mas unicamente o fato real de não pecar, e, o que está inseparável dêste fato numa natureza racional e livre, a mais elevada perfeição moral e santidade — *Idem*, pág. 13.

IV. O Propósito da Encarnação

Quanto ao propósito da encarnação, a resposta aparece nos textos que apoiam os seguintes seis pontos, que resume as razões de Sua vinda à Terra em forma humana.

1. VEIO PARA REVELAR DEUS AO MUNDO. — Ver S. João 1:14 e 18; 3:1-36; 17:6 e 26; I S. João 1:2; 4:9.

2. VEIO PARA JUNTAR DEUS E O HOMEM. —

Ver S. João 1:51 (comparar com Gên. 28:12); S. Mat. 1:23; I S. Ped. 3:18.

3. VEIO PARA IDENTIFICAR-SE COM O HOMEM PELO NOME. — É chamado o "Filho do homem" setenta e sete vezes nos Evangelhos, como em S. Luc. 19:10, por exemplo.

4. VEIO PARA LEVAR OS PECADOS DA HUMANIDADE. — Ver Isa. 53:6 e 11; S. João 1:29; I S. Ped. 2:24; I S. João 3:5.

5. VEIO PARA MORRER EM NOSSO LUGAR. — Ver Isa. 53:5-10; S. Mat. 26:28; Atos 20:28; Rom. 4:25; 5:6-10; I Cor. 15:3; Gál. 1:4; I Tim. 2:6; Heb. 2:9; I S. Ped. 1:18 e 19; 2:24; 3:18.

6. VEIO PARA DESTRUIR O DIABO E SUAS OBRAS. — Ver S. João 12:31; 16:33; Heb. 2:14; I S. João 3:8.

V. Um Mistério Insondável

Ao considerarmos assunto de tal transcendência e importância vital como a encarnação de Cristo, temos sempre que nos lembrar de que há muitos aspectos do mesmo que não podemos penetrar. Mesmo quando apanhamos um vislumbre de verdade, a linguagem humana é inteiramente inadequada para expressar as maravilhas e belezas do mistério incomparável e inimitável da encarnação de Jesus Cristo. Escreveu Ellen G. White:

Ao contemplarmos a encarnação de Cristo em humanidade, ficamos pasmados diante de um mistério insondável, que a mente humana não pode compreender. Quanto mais refletimos sobre ela, tanto mais assombrosa ela parece. — *Signs of the Times*, 30 de julho de 1896.

Ainda que isto seja verdadeiro, há, graças a Deus, certos aspectos da verdade que têm sido revelados. E o que se tornou conhecido na Palavra de Deus é para nosso estudo. A mesma autora escreveu o seguinte sobre este ponto:

Quando queremos estudar um problema profundo, fixemos nossa mente na coisa mais maravilhosa que jamais ocorreu na Terra ou no Céu — a encarnação do Filho de Deus. — *Manuscrito* 76, 1903.

De Seara Alheia

Do livro "Luz Messiânica", do Rev. Antônio B. Trajano (presbiteriano), Vol. 1, págs. 125 e 126, extraímos o seguinte:

"Jesus veio sujeito à lei.

"Esta sujeição à lei que refere S. Paulo, deve ser tomada no sentido mais amplo da palavra, porque Jesus veio sujeito à lei natural, à lei moral, à lei cerimonial e até à lei civil.

"Veio sujeito à lei *natural*, isto é, às leis físicas que regem a Natureza, porque nasceu e cresceu como as outras criancinhas; passou pela infância, peurícia e juventude, como os outros homens; precisou alimentar-se, dormir e descansar para reparar as Suas forças; sofreu fome, sede, dores e tristezas, e não chegou à velhice, porque teve morte violenta e prematura.

"Veio sujeito à lei *moral*, isto é, a lei do Decálogo, dada por Deus no Monte Sinai, porque o mesmo Jesus, referindo-se a esta lei, disse que não veio revogá-la, mas cumprí-la fielmente. S. Mateus 5:17-19.

"Veio sujeito à lei *cerimonial*, isto é, a lei dos ritos e cerimônias do culto judaico, porque foi circuncidado ao oitavo dia, como os outros meninos hebreus... não deixou de celebrar a Páscoa judaica com os Seus discípulos.

"Veio, finalmente, sujeito à lei *civil*, porque obedeceu as autoridades estabelecidas, ensinou que se desse a César o que era de César."

(Recolhido por A.B.C.)



PORQUE TEM DE FRACASSAR O MOVIMENTO SIONISTA

CHRISTIAN EDWARDSON

(Subsídios para um estudo bíblico)

I. "O ISRAEL DE DEUS."

1. Não é a nacionalidade, mas a fé em Cristo que torna alguém "israelita" (Gál. 3:28 e 29).
2. A nação judaica não é o "Israel de Deus" (Rom. 2:28 e 29; Apoc. 2:9; 3:9).
3. Há um "Israel de Deus" (Gál. 6:16; Efés. 1:5; Rom. 9:4).
4. Abraão tinha oito filhos, mas apenas um deles era "israelita" (Gên. 16:15; 21:3; 25:1 e 2; Rom. 9:6 e 7).
5. O mesmo princípio é revelado nos gêmeos de Isaque (Rom. 9:10).
 - a. Esaú, por desprezar a primogenitura, tornou-se edomita (Gên. 25:30-34).
 - b. Jacó, o "suplantador" (Gên. 27:36), tornou-se "israelita", um vencedor, por meio da oração vitoriosa (Gên. 32:9, 24-28; Osé. 12:2-4).

Nota. — Dessa forma, "israelita" é alguém que vence seus pecados pela fé em Cristo — e não a astúcia (S. João 1:47). (Comparar com Apoc. 14:1-5; 7:1-4; 12:11; I S. João 5:3 e 4).

6. Sendo Abraão o "pai de todos os que crêem", sem levar em conta a nacionalidade, torna-se ele "o pai de muitas nações" (Rom. 4:11, 16-18; Gál. 3:7). Logo, os judeus que não crêem não podem ser o "Israel".
7. Cristo e Seus fiéis seguidores são semente de Abraão (Gál. 3:16 e 29).

II. A NAÇÃO JUDAICA DEIXOU DE SER O "ISRAEL DE DEUS."

1. A parábola dos lavradores contada por Jesus ilustra como Deus procurava tornar a nação judaica Seu verdadeiro "Israel." Contudo, ao rejeitarem a Cristo, o reino lhes foi tirado (S. Mat. 21:33-43).
2. Que esta rejeição dos judeus como uma nação foi definitiva, é demonstrado em Jeremias 19:1-11. Este povo não pode ser juntado de novo, como o vaso do oleiro quebrado "não pode mais refazer-se."
3. Deus, porém, "não rejeitou o Seu povo, que antes conheceu" e que aceitaria a Cristo. Tor-

naram-se "um remanescente", como os 7.000 nos dias de Elias (Rom. 11:1-5).

4. Deus denominou a "Israel" de "uma oliveira verde" (Jer. 11:16). Os judeus que rejeitaram a Cristo foram cortados e lançados fora como ramos secos, e os crentes gentios foram enxertados entre os remanescentes, tornando-se dessa forma parte da linhagem de Israel (Rom. 11:17-22).
5. Os judeus que não crêem não podem tornar-se parte do "Israel", a menos que sejam "enxertados na sua própria oliveira" (Rom. 11:22-24).
6. O "enxêrto" implica numa obra individual, e não num movimento de massa.

III. ISRAEL REUNIDO EM SUA TERRA

1. Deus prometera a Abraão que *ele* herdaria a terra, e contudo *ele* jamais recebeu um palmo dela (Gên. 13:14 e 15; Atos 7:5). (Se todos os judeus que há no mundo se mudassem para a Palestina, não cumpririam a promessa de Deus, pois o *próprio* Abraão deve herdá-la com eles).
2. Deus prometera a Abraão que *ele* seria o "herdeiro do mundo", e não somente da Palestina (Rom. 4:13). (Sendo assim, povos de todas as nações estão na Terra prometida a Abraão, como os que vivem na Palestina).
3. Embora os patriarcas vivessem na Palestina, confessavam ser peregrinos, buscando uma pátria melhor (Heb. 11:13-16). (Por conseguinte a Palestina não pode ser a Terra da Promessa.)
4. Abraão olhava para uma cidade que tinha os "fundamentos" (Heb. 11:10; Apoc. 21:14).
5. Esta cidade, Deus a tem "preparado" (Heb. 11:16; Apoc. 21:2).
6. Todos os que entram nesta cidade o fazem como "israelitas" (vencedores) (Apoc. 21:7 e 12). Nenhum portão está assinalado "Gentios Cristãos." Comparar com Efés. 2:11 e 12.
7. A Ezequiel foi mostrada a ressurreição como o tempo em que "toda a casa de Israel" será reunida em sua terra (Ezeq. 37:1-14).
8. Israel será reunido quando a grande trombeta

fôr assoprada (Isa. 27:12 e 13; I Tess. 4:16; S. Mat. 24:31).

9. Então Israel será "salvo pelo Senhor, com uma eterna salvação" (Isa. 45:17 e 18; Rom. 11:26).
10. Abraão e toda a sua semente, herdarão a Terra para sempre (Atos 7:5; Gál. 3:16 e 29; Ezeq. 37:11 e 12).
11. Então cumprir-se-á o plano original de Deus (Deut. 32:8).

IV. "ISRAEL" A LUZ DO MUNDO

(Profecias concernentes à nação judaica, dadas sob condição)

1. O plano de Deus por ocasião do Êxodo:
 - a. Deus pusera Israel na Palestina (na encruzilhada das nações) para ser uma luz a todas as nações (Deut. 28:9 e 10; 4:6; S. Mat. 5:14).
 - b. Em vista de ter Israel falhado em alcançar o ideal de Deus, Seu propósito não pôde ser cumprido (Heb. 4:8).
2. O plano de Deus por ocasião da volta de Israel do cativo de Babilônia:
 - a. Deus propusera Seu acalentado plano por meio de Ezequiel (Ezeq. 40 a 48).
 - (I) Deus prometera construir-lhes uma cidade (Ezeq. 40:2)
 - (II) Haveria um templo glorioso (Ezeq. 41:1).
 - (III) Ele poria Seu trono lá (Ezeq. 43:7).
 - (IV) O rio da vida fluiria do santuário. (Ezeq. 47:1-9).
 - (V) As árvores produziram fruto mensalmente; suas folhas seriam remédio (Ezeq. 47:12).
 - (VI) Cristo habitaria entre eles para sempre (Ezeq. 43:7; Isa. 51:3).

Nota. — Devido aos pecados de Israel, o propósito anterior necessariamente tem que ser cumprido na Nova Terra.

- b. Estas promessas eram condicionais ao arrependimento e cordial cooperação com o plano de Deus (Ezeq. 43:9-11; 44:6). (Observar o se). Se não se arrependessem, não se requeriam pormenores do plano de Deus (cap. 43:11).
 - c. O plano requeria o sacerdócio levítico e o sistema sacrificial; portanto não pode ser cumprido depois da morte de Cristo (Ezeq. 43:18-25; Heb. 7:11-18).
 - d. Estas promessas não podem referir-se ao estado da Nova Terra (Ezeq. 47:10 e 11).
 - e. Posteriormente Zacarias apresentou o plano de Deus a Israel (Zac. 14:8-11).
 - f. Esta oferta não pode referir-se à Nova Terra (Zac. 14:1-3, 12-19).
 - g. Dadas sob condições (Zac. 6:15). (Observar o se outra vez.)
3. O último oferecimento de Cristo a Israel.
 - a. Predito por Jeremias (Jer. 31:31-40).
 - b. As últimas setenta semanas dedicadas a salvar os judeus (Dan. 9:24-27).
 - c. Os judeus desprezaram e rejeitaram a última oportunidade como nação (S. Luc. 19:41-44).

d. Cristo lamenta a recusa final dos judeus (Isa. 49:4 e 5).

e. Com o "remanescente" "preservado do [antigo] Israel," Cristo unirá os salvos procedentes dos "gentios" (Isa. 49:6; Rom. 9:27; Atos 13:46 e 47).

V. O MOVIMENTO SIONISTA É UM ERRO

1. Os hebreus buscam o sangue da expiação:
 - a. Sem derramamento de sangue não há remissão (Heb. 9:22; Lev. 17:11).
 - b. A lei de Moisés proíbe as ofertas sacrificiais judaicas exceto na "porta do tabernáculo" ou do Templo* (Lev. 17:3 e 4; Deut. 12:11, 13 e 14).
2. A ruína aguarda os judeus na Palestina:
 - a. A Palestina deve tornar-se o cenário de grande conflagração (Joel 3:9-16; Apoc. 16:12-16).
 - b. A única esperança dos judeus está em aceitarem a expiação pelo sangue de Cristo (Isa. 1:18-20; Ezeq. 18:31 e 32).

VI. RESUMO E CONCLUSÃO

1. "Deus não faz acepção de pessoas" ou de nacionalidade, mas sim de caráter (Atos 10:34 e 35).
2. "Israel" significa "vencedor" pela fé em Cristo, não na nação hebraica (Rom. 9:6 e 7; Gên. 32:24 e 28; Gál. 3:7, 16 e 29).
3. Deus escolheu os judeus como Seus representantes a fim de revelarem ao mundo o caráter de verdadeiros "israelistas", e anunciarem Sua verdade salvadora a todas as nações (Deut. 28:1, 9 e 10; Sal. 67:2).
4. Por esta razão Ele os pôs na Palestina, estrada entre as nações, propôs-Se a torná-la miniatura do Éden (Ezeq. 47:9 e 12; Isa. 51:3).
5. Fracassando os judeus em todas as crises, e representando mal a Deus, adotando costumes pagãos, foram rejeitados como nação; contudo os indivíduos fiéis formaram um núcleo no qual os gentios foram enxertados, formando assim o "Israel de Deus" (S. Mat. 21:43; Rom. 11:17-23).
6. Deus que sabia o fim desde o princípio, mostrou a Abraão que aquelas promessas se cumpririam na Nova Terra (Heb. 11:10, 13-16; Apoc. 21:1, 2 e 12).
7. Ezequiel e S. Paulo procuraram conduzir a mente dos judeus para a ressurreição como a "esperança de Israel" (Ezeq. 37:1-14; Atos 28:20; 23:6; 24:15; 26:6-8).
8. A promessa de Deus a Israel, portanto, não é a imigração de todos os judeus para a Palestina, mas que "todo o Israel", os vencedores de todas as épocas (incluindo Abraão) herdarão a Nova Terra, depois da ressurreição dos mortos.

* Desde a destruição do Templo (A.D. 70) que os judeus, sem Cristo, estão sem "o sangue da expiação." Esta terrível realidade levou muitos judeus honestos a compreenderem que permanecem sem expiação diante de Deus, a menos que aceitem o sangue expiatório de Cristo. Contudo, se o Templo fôsse restaurado, seus serviços satisfariam sua ansia pelo "sangue da expiação," e dêsse modo removeriam seus sentimentos da necessidade do sangue expiatório de Cristo.

“Abominação da Desolação”

“Quando, pois, virdes que a *abominação da desolação* de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda;” S. Mat. 24:15.

MUITOS estudiosos das Escrituras se embaraçam com esta “abominação da desolação” ou “abominação assoladora” — terrível acontecimento predito por Daniel, e mencionado por Jesus nos evangelhos sinóticos. As bases preditivas desse evento estão em Dan. 9:27; 11:31; 12:11. No primeiro passo, aludindo ao concerto por uma semana, e à cessação do sacrifício na metade da semana, diz o vidente que viria o assolador sobre a asa das abominações, ligando-as com guerra. No segundo texto, a abominação desoladora se liga a uma profanação do santuário e da fortaleza (muros da cidade de Jerusalém). No último, há referência a um período de tempo que decorre da extinção do *contínuo* à imposição da abominação desoladora. Sendo ponto controvertido o sentido de *contínuo*, bem como a interpretação do período aí mencionado, não entraremos em pormenores neste verso. A “abominação” em apêço foi citada por Cristo no texto que encima este estudo, e também em S. Mar. 13:14 e S. Luc. 21:20.

Diremos, de início, que, nas Escrituras Sagradas, *abominação* significa a mais repulsiva aversão de Deus pelos ídolos e práticas pagãs. Mas a “abominação” acima referida é “assoladora”, ruínosa, arrasadora, de grande amplitude, de modo mesmo a subverter o culto implantado por Deus. A profecia da “abominação da desolação” teve duplo cumprimento:

1º. Jesus a aplicou à destruição de Jerusalém pelos exércitos romanos, comandados por Tito, no ano 70 A.D. Sabemos que a soldadesca infrene destruiu inteiramente o templo, profanou-o, e os estandartes de Roma, com suas figuras idolátricas, foram arvorados em terra santa. Nessa ocasião milhares de judeus foram torturados, e outros milhares mortos com requintes de perversidade. O sangue humano formava correntes líquidas, escoando-se pelos sulcos do solo. A Palestina ficou ASSOLADA e deserta, principalmente a Judéia. Os judeus sobreviventes foram levados para Roma, alguns foram lançados às feras, e outros *dispersos por toda a Terra, como vagabundos sem lar*. Tal foi um dos cumprimentos da profecia da “abominação da desolação,” que determinou o fim de Israel como nação. O paganismo a assolou completamente.

2º. Cremos, porém, como ocorre com a predição de S. Mat. 24, que esta profecia é de duplo cumprimento. O primeiro, como foi dito, ocorreu em relação aos judeus. O outro cumprimento se deu

em relação aos cristãos. Considerando que a *abominação* se relaciona com a remoção (ou substituição) do “contínuo sacrifício” e também com um período de 1.290 anos (Dan. 12:11), admitimos que este segundo cumprimento ocorreu com a obra demolidora do grande poder apóstata que, iniciando-se em 508 A.D. (quando se firmou a supremacia do papado no Ocidente) até 1798, REMOVEU o verdadeiro culto, instituindo, em lugar dele, um sistema evado de crenças pagãs, degenerando na grande apostasia. Além dessa “assolação” de ordem espiritual, verificou-se em boa parte daquele período, durante os 1.260 anos, a feroz perseguição da *Ida-de Escura*. A igreja fiel esteve no deserto. Foi movida guerra contra os santos. Esta “abominação da desolação” substituiu o paganismo no poder temporal.

Os adventistas, por razões óbvias, rejeitam o ensino da teologia popular que afirma ser esta abominação a invasão e conseqüente profanação do templo judaico por Antíoco Epífano no ano 170 A.C. aproximadamente, e isto pelo fato de ter ele pôsto um ídolo no lugar sagrado. A mais séria objeção contra esta tese é que a abominação referida, qual quer seja ela, ocorreu *depois* da primeira vinda de Cristo. Cristo alude a ela como fato futuro. Como poderia cumprir-se em Antíoco? — A. B. *Cristianini*.

Notícias da Imprensa

(Continuação da página 23)

200 ministros representando 80 igrejas adventistas de três regiões da Califórnia, revelou que, em 1959, cerca de 32 Estados “empenharam-se na batalha” das leis dominicais. Entre eles — observou o Sr. Adams — se incluía Califórnia que apresentou projetos de leis na Assembléia Legislativa Estadual para vedar a venda de automóveis aos domingos. Citou também os esforços do Estado Massachusetts para impor uma multa de 5.000 dólares aos violadores do domingo; do Estado de Minnesota no sentido de expulsar do comércio os violadores contumazes; e no Estado de Nova Jersey se recompensam os informantes de violadores das leis dominicais. Disse: “São táticas da política do Estado. As leis religiosas constituem um retrocesso à época das famosas ‘leis azuis’, dos açoites, e dos troncos de tortura. Elas não têm lugar numa democracia esclarecida”.

O Ciúme e a Suspeita Produzem Desunião

“Coisa alguma tanto retarda e entrava a obra em seus vários ramos, como o ciúme e as suspeitas e desconfianças. Isto revela dominar a desunião entre os obreiros de Deus. O egoísmo, eis a raiz de todo mal.” — *Evangelismo*, pág. 633.

NOTÍCIAS - Da Imprensa



◆ Representantes de onze corporações Presbiterianas e Reformadas no Estados Unidos, Canadá e Jamaica votaram investigar a possibilidade de manterem debates teológicos com os grupos Luteranos. O voto foi tomado pelos delegados na reunião anual do Concílio da Região Norte Americana da Aliança Presbiteriana Mundial à qual pertencem as onze corporações. Os delegados destacaram que os contatos propostos com os Luteranos não têm outros alvos a não ser aumentar a compreensão entre ambas as confissões. Contudo, a medida foi considerada como importante expressão do tema corrente da unidade cristã.

◆ Os adventistas do sétimo dia do sul de Califórnia lançaram a primeira parte de uma campanha especial da denominação para uma pesquisa em toda a nação, com a duração de seis anos, dirigida pela Sociedade Americana de Câncer, remetendo pelo correio 10.000 questionários aos seus membros em três regiões. Por toda a Califórnia, cerca de 70.000 adventistas tomarão parte no plano. A razão dessa pesquisa especial entre os adventistas da Califórnia é determinar se as práticas de saúde e hábitos de viver dos membros da denominação, que diferem em muitos pontos dos dos adeptos da maioria dos outros grupos religiosos, afetam a incidência do câncer—declarou o Sr. Clarence C. Kott, de Glendale, diretor dos serviços de saúde da Associação Sul-Californiana dos Adventistas. Acrescentou: “Os adventistas do sétimo dia, como regra de fé não tomam bebidas alcoólicas nem usam fumo em qualquer forma”. “Estes fatos serão observados nesta pesquisa juntamente com outros hábitos de viver no que concerne à incidência do câncer”. A pedido da sociedade, a pesquisa dos adventistas de Califórnia está sendo dirigida separadamente da grande pesquisa nacional em execução, disse ainda o Sr. Kott. Essa também durará seis anos. Recente relatório do Instituto Para Pesquisa do Câncer de Sloan-Kettering indicava que a pesquisa dos adventistas do sétimo dia já apurara que os membros masculinos da igreja têm 90% a menos de probabilidade de contrair câncer do pulmão do que outros homens. Membros desta igreja, conforme demonstrou a pesquisa do instituto, também sofriam menos ataques cardíacos do que outras pessoas, com menor incidência de cânceres da boca, laringe e esôfago. Finalizou o Sr. Kott: “Temos esperança de que a participação nesta fase especial da pesquisa nacional pelo menos ponha termo a certas questões que presentemente assoberbam os pesquisadores do câncer... (e possivelmente) encontrem respostas que possam conduzir a um auxílio definitivo no domínio do câncer.”

◆ O governador Dallas Brooks, de Vitória, presidiu à abertura da primeira Conferência Nacional de Igrejas Australianas numa grandiosa reunião nos campos de cricket, com a presença de muitos milhares de pessoas, incluindo mais de 430 delegados de 16 denominações protestantes àquela concentração que durou 10 dias. Patrocinada pelo Concílio Australiano do Concílio Mundial das Igrejas, a concentração teve a presença de dirigentes religiosos protestantes de países além-mar, bem como de observadores de três grupos não protestantes, incluindo a Igreja Católica Romana. Os seus participantes descreveram a concentração como a “mais significativa e importante” na história das igrejas cristãs da Austrália.

◆ O evangelista Billy Graham enfrentou oposição muçulmana em suas reuniões iniciais aqui (Nigéria, África) ocasião em que se distribuíram panfletos e cartazes anticristãos. Os líderes muçulmanos, em consequência do grande comparecimento às reuniões preliminares dirigidas pelos evangelistas associados, fizeram circular cerca de 25.000 folhetos de ataque, negando as doutrinas fundamentais do cristianismo, e desafiando o Sr. Graham para um debate público. Escritos na língua *yoruba* da Nigéria Ocidental, os panfletos declaravam na capa, em letras grandes: “Jesus não foi filho de Deus, nem crucificado, nem ressurgiu dos mortos, nem ascendeu ao Céu, nem virá outra vez”. Os cartazes acusavam o Sr. Graham de ter dito, em uma de suas reuniões, que “podeis ler o Alcorão de capa a capa e não encontrareis uma palavra concernente ao futuro da humanidade.” Nem o evangelista nem o Concílio Cristão de Nigéria aceitou o desafio para o debate. Discursando para a multidão na primeira noite, em que os brancos e os negros se misturavam, disse Graham: “Creio que o cristianismo dinâmico é a esperança da África porque êle nos ensina a amarmos uns aos outros”. Apelando aos ouvintes para “terem força e poder espiritual e moral”, declarou mais: “Que o mundo inteiro saiba que há milhares de cristãos na Nigéria, os quais creem em Deus no ano de 1960, vosso ano da Independência.”

◆ Certo dirigente adventista do sétimo dia advertiu aqui (Los Angeles) que as leis que proíbem as atividades comerciais nos domingos estão “abrindo a caixa de Pandora da luta religiosa”. O Sr. W. Melvin Adams, de Washington, D.C., diretor do departamento de Liberdade Religiosa daquela denominação, declarou que “não há na verdade onde pararmos uma vez que descemos a estrada da legislação religiosa”. Dirigindo a palavra a cerca de
(Continua na pág. 23)